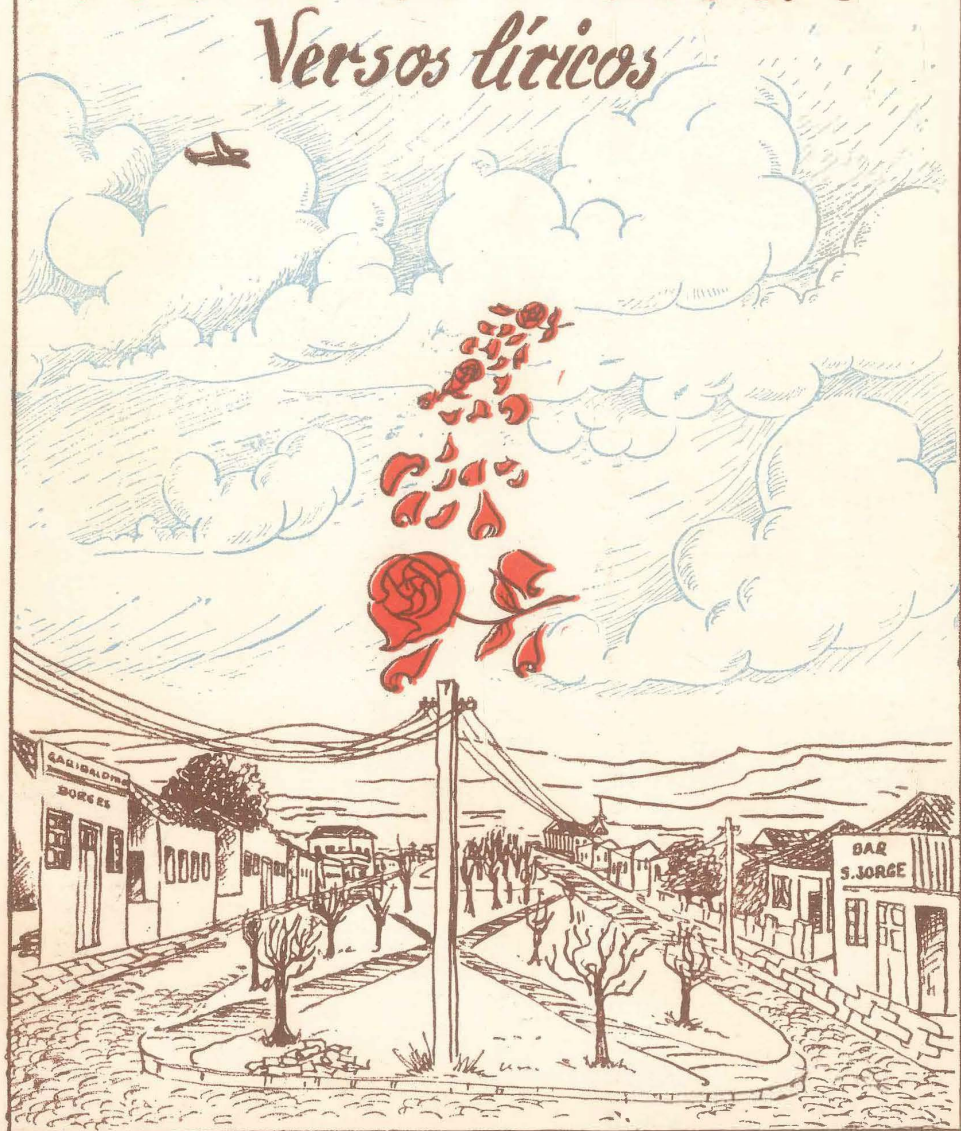


Nuvens e Rosas

Versos líricos



GOMERCINDO DOS REIS

NUVENS
E
ROSAS

PASSO FUNDO - R. G. S.

1957

Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial
PORTO ALEGRE

BUSTO DO «PATRIARCA»



Capitão Joaquim Fagundes dos Reis, Patriarca de Passo Fundo e fundador da cidade. Este busto foi erigido na praça que recebeu seu nome, à Avenida Brasil, no bairro tradicional do Boqueirão, e inaugurado em 7 de agosto de 1957, no 1.º Centenário do Município de Passo Fundo.

Boqueirão já tem palmeiras
E outros encantos vereis:
A estátua do Patriarca
Joaquim Fagundes dos Reis!

NUVENS E ROSAS

A encantadora cidade de Passo Fundo, cujo município vai comemorar o seu primeiro centenário de emancipação política no ano de 1957, embora de maneira singela, dedico êste livro em que procuro enfeixar a minha admiração por ela e seu laborioso povo, ao mesmo tempo que simbolizando a minha mais sincera homenagem.

Não desconhecem por certo todos os habitantes dêste planalto rio-grandense que, através de um ato do então Governador da Província de São Pedro do Rio Grande, Dr. Jerônimo Coelho, na data de 28 de janeiro de 1857 foi o território de Passo Fundo desmembrado do município de Cruz Alta e, posteriormente, a 10 de abril de 1891, elevada a então vila de Passo Fundo à categoria de cidade.

Naquela época o vasto território do município que, por seu turno, também já perdeu uma considerável área territorial que passou a integrar outras comunas, era um deserto imenso, com estradas mal traçadas e infindáveis.

A jovem e poética vilazinha era formada de pouco mais de cem casas, tôdas agrupadas no setor que hoje forma o lendário bairro do Boqueirão. As ruas Moron e Paisandu já existiam, porém com apenas alguns prédios esparsos e de construção singela.

A parte que hoje vemos mais povoada, para o lado do nascente, até bem pouco denominada "Cidade Nova" e onde está localizado o chamado centro, não passava de uma vasta área de terra coberta de pinheiros e frondosas árvores, com pequenas restingas e banhadas quase intransponíveis.

Apesar do relativo deserto existente naquela época, a parte da vila situada na direção do nascente não era totalmente desabitada. Nos subúrbios já eram vistas algumas habitações, toscas e modestas, casinhas de agricultores, tropeiros e ervateiros.

Pesquisando curiosidades históricas de Passo Fundo, descobri uma fotografia que constitui uma relíquia quase centenária.

Nessa fotografia, apanhada da parte mais elevada do então denominado "Potreiro do Dr. Vergueiro", e que pode ser apreciada à página 12, destaca-se nitidamente a primeira capelinha de São Teodoro, erigida por iniciativa do Juiz de Paz e fundador da cidade de Passo Fundo, Joaquim Fagundes dos Reis.

Na mesma foto vê-se também as casas de Teodoro da Rocha, a chácara de Luiza Brás e a residência do Padre Tomás de Sousa Ramos, bem como a velha igreja matriz existente no local onde hoje se acha erigida a suntuosa Catedral N. S. Aparecida.

Em 1924 tive eu o ensejo de ver as ruínas da igreja matriz. Pela fotografia e através de explicações de sobreviventes daquela época, pode-se ter uma idéia, ainda que pálida na sua descrição, mas bastante expressiva na sua realidade, do progresso desta encantadora e futura cidade de Passo Fundo.

No interior dos matos e sob as frondes dos gigantescos pinheiros já existiam ranchinhos construídos de madeira bruta, tão distanciados entre si que quando os galos cantavam, uns não ouviam a voz dos outros.

Afastando-me agora dos subúrbios da época, procurarei descrever, em traços gerais, a zona mais habitada. Penetrarei nos patriarcais solares do Boqueirão, onde hoje ainda vivem algumas pessoas que foram contemporâneas de uma geração que há muito cerrou os olhos para a eternidade. Entretanto, ali vivem os seus descendentes e legítimos continuadores das históricas tradições da vilazinha, hoje importante cidade que fundaram.

Nos velhos solares realizavam-se festas de saudosas recordações. Eram bailes, jogos-de-prenda, anedotário da época e saborosas piadas.

A música era o piano, a flauta, o violão e a gaita de oito baixos, que espargiam os seus mágicos acordes por toda a redondeza, penetrando pelas janelas de todos os ranchinhos existentes nos subúrbios da poética vilazinha.

Naquelas festas, naqueles memoráveis bailes, meninas, moças, rapazes e anciãos recitavam primorosos versos dos maiores poetas brasileiros, com acompanhamento da popular música "Dallila".

Ouvia-se, ali, "Meus Oito Anos", de Casimiro de Abreu, "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, "Asvherus e o Gênio", de Castro Alves, "O Ranchinho de Palha", de Lôbo da Costa e muitas outras poesias consagradas. Modinhas como "A Casa Branca da Serra", de Guimarães Passos e outras igualmente belas, eram entoadas pelos jovens boêmios da época, às janelas das namoradas, nas noites enluaradas, com acompanhamento de violão ou ao som de uma romântica flauta.

Existia ainda, naqueles saudosos tempos, um instrumento muito original, que era o realejo. De vez em quando surgia êle, para quebrar a monotonia dos demais instrumentos.

Quando terminava a música, saía do interior da caixa uma caturrita amestrada, trazendo no bico um papelzinho contendo a "buena dicha" dos românticos da época. Crianças, velhos e moços, todos tiravam a sorte. Liam os papezinhos, cujos vaticínios eram sempre os melhores.

A caixa do realejo tinha três compartimentos, isolados e ocultos. Quando uma criança vinha com 200 réis para ver a sorte, o homem do realejo abria o compartimento número 1 e a caturrita, que só faltava falar, pegava o papelzinho, que predizia sempre um futuro brilhante para a criança, uma longa existência, dias venturosos, presentes que iria ganhar quando chegasse o Natal, um paraíso celeste, enfim.

Quando a consulente era u'a moça já em idade de casar, abria êle o compartimento número 2 e surgia a caturrita prevenindo-lhe um casamento próximo e feliz, quando não fôsse a surpresa agradável de em breve ir conhecer um simpático príncipe encantado, procedente de outra localidade, e que ela iria fazer uma longa viagem, possivelmente de núpcias...

Para os casados e suas espôsas, abria êle o compartimento número 3, donde surgia a mesma caturrita, de penas eriçadas, que entregava o palpelinho. Para êsses eram preconizadas outras felicidades, tais como progresso dos filhos nos estudos, negócios vantajosos, sorte grande de 15 contos de réis da Capital Federal, uma vez que jogassem em tais e tais números, conforme profetizava a caturrita da côr da esperança.

Como vivia feliz aquela gente que acreditava na sorte que lhe viria conduzida pelo bico da caturrita!

Os homens das caturritas, verdadeiros nômades que perambulavam de vila em vila, de povoado em povoado, como se poderia deduzir, eram os espertos da época. Volta e meia apareciam êles em Passo Fundo. Tocavam algumas peças de música, divertiam o público e alegravam as crianças, tudo por apenas 200 réis.

No fim de suas "safras" levavam êles quantias insignificantes, deixando para trás pelo menos a lembrança agradável de suas passagens, a saudade daquelas maviosas e divinas músicas de Wagner, das valsas "Danúbio Azul", ou "Contos dos Bosques de Viena", de Strauss, que faziam rodar nos seus engenhos, naqueles calorosos dias, sob frondosos cinamonos em flor.

E que vemos agora? Os espertalhões de hoje, que aqui aparecem, procedentes de tôdas as partes do mundo a nos pregarem logros sob as mais variadas formas, a nos impingirem gatos por lebres, brim por linho irlandês, algodão por casemira inglesa,

água-de-cheiro marca "barbante" por perfume francês legítimo, cachaça de péssima qualidade por uísque, etc. Isto quando não nos vendem jóias falsificadas ou roubadas, vidros lapidados por brilhantes autênticos lapidados na Holanda, ou assaltam as nossas casas, furtando as nossas economias de baixo dos colchões e desaparecendo sem nos deixar, como lembrança, nem sequer uma simples gaitinha-de-bôca...

Os dias cruciantes e tenebrosos que vivemos na época atual obrigam-nos a uma recordação benfazeja, como essa da música suave, encantadora e romântica, dos realejos de outrora.

Aquêles que tiveram a ventura de viver nos áureos tempos da verdadeira lealdade, do cavalheirismo, de tudo quanto de belo e digno se possa imaginar, tiveram a felicidade suprema de não presenciar o quadro verdadeiramente doloroso que hoje se depara aos nossos olhos.

Que vemos atualmente? Materialismo, ambição desmedida, egoísmo, ausência de caráter, falta de civismo por parte da maioria dos homens que ocupam cargos de responsabilidade, malvadez, venalidade, homens sem religião, revoluções, guerras, miséria, sangue, lágrimas, corrupção, perversidade de toda espécie. Em síntese: a família brasileira não mais às portas do abismo, mas dentro dele, como já disse alguém.

E onde está a principal causa de todas essas desgraças e de todos esses horrores? Onde a razão dos tantos males que vêm transformando o mundo num verdadeiro vale de lágrimas? É muito fácil dar uma resposta.

A causa que separa os homens, que gera a discórdia, que faz deflagrar as guerras, que desencadeia as paixões, que gera o ódio entre os homens, tem a sua origem no egoísmo do próprio homem que, cada dia que passa, mais se distancia de Deus.

Por oportuno cito aqui um trecho do livro "Pensamento Vivo de Pascal", da autoria de François Muriac, que diz o seguinte:

"Sem Jesus Cristo, o homem tem de permanecer no vício e na miséria. Nêle está toda a nossa virtude e toda a nossa felicidade. Fora Dêle não há senão vício, miséria, erros, morte, desespero".

Como vemos, é um retrato fiel do que presenciamos nos dias de hoje. É o que estamos vendo e sentindo não só no Brasil, como em todo o mundo tido como civilizado.

A humanidade, em lugar de evoluir para o bem, evolui para a prática do mal.

O progresso nas ciências, nas artes, nas indústrias, nos meios de comunicações, em todos os setores da atividade humana, enfim, têm sido consideráveis.

Paradoxalmente, entretanto, vem a humanidade retrogredindo espiritualmente não só naquilo que lhe ensinou o Mestre, como

nos sentimentos de igualdade, humanidade e fraternidade, esta trilogia bendita que tão elevados propósitos encerra.

Eis aí mais um dos motivos por que recordamos, com verdadeira saudade, aqueles áureos tempos que não voltam mais.

Seguindo os dignificantes exemplos que nos legaram as passadas gerações, os habitantes de Passo Fundo devem estar alertas e vigilantes, na defesa de normas administrativas sadias e patrióticas.

A salvaguarda do nosso patrimônio moral e espiritual é uma tradição e, como tal, precisa ser preservada com verdadeiro carinho e acendrado amor, para que possamos transmitir êste formoso legado às gerações porvindouras, tal como o recebemos dos nossos saudosos antepassados.

Alguém já disse, e com muito acêrto, que o principal problema do Brasil da atualidade é a educação do seu povo.

E Passo Fundo, através da dedicação dos seus filhos, sempre soube encarar com denodo e galhardia êsse problema, alfabetizando e educando aqueles que aqui tiveram a grande ventura de ver a luz.

E' com invulgar satisfação que hoje vemos aquela inexpressiva vilazinha de outrora, transformada numa bela e progressista cidade, com muitos e importantes estabelecimentos de ensino, inclusive escolas superiores.

No que tange ao seu progresso material, aqui cito, de passagem, as suas duas grandes reprêsas que produzem energia elétrica em abundância, um parque industrial considerável, o seu sólido comércio, uma cidade que, segundo as estatísticas, está figurando entre as dez mais importantes do Estado do Rio Grande do Sul.

* * *

Para que os meus contemporâneos e as futuras gerações saibam como foi feita a emancipação política, social e econômica do município de Passo Fundo; para que todos tenham um necessário e perfeito conhecimento da sua evolução, do seu progresso, das maravilhas e dos encantos desta terra, eu sugiro a todos — homens e mulheres, velhos e jovens — que leiam as valiosas obras do ilustre historiador passo-fundense, sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

A todo o professorado, de todos os estabelecimentos de ensino, tanto do curso primário como do secundário, eu faço um apêlo para que leiam essas obras e as transmitam aos seus alunos,

a fim de que conheçam a história de Passo Fundo. Ela foi escrita, com amor e carinho, por um dos seus mais ilustres filhos.

* * *

Os livros "Nuvens e Rosas" (versos), "Jardim de Urtigas" (versos), "A Tragédia da Cruzinha" (prosa) e "Canções do Rio Grande" (versos) foram por mim escritos em homenagem a Passo Fundo, pelo transcurso do seu 1.º Centenário de emancipação política.

Nas páginas do presente livro, em que pese a singeleza com que foi escrito, presto também a minha pálida homenagem à mulher planaltina, inserindo não só a fotografia da primeira rainha da cidade, como de outras formosas jovens da sociedade passo-fundense, representando um acontecimento social de uma época.

Ao ensejo de apresentar esta modesta e despretensiosa brochura ao culto povo de Passo Fundo, eu peço a todos que preenchem as falhas nêle existentes por um pouco daquela boa vontade que sempre me animou, de produzir algo de melhor e mais perfeito.

* * *

Meus caros leitores. A minha linda namorada, essa que eu canto nos meus versos, nas minhas canções, apesar de velhinha, quase centenária, tem sorrisos tentadores...

E' o Boqueirão.

Essa namorada simbólica, que eu vejo em sonhos, será loira ou morena? Qual o seu porte? Que côr terão os seus cabelos? E os seus olhos, serão verdes, azuis, castanhos ou negros? Quantos anos terá ela? Quem poderá responder?

Essa deusa encantada dos meus sonhos nada mais significa do que o meu velho Boqueirão. São as casas centenárias, os arcaicos ranchinhos do vilarejo de Joaquim Fagundes dos Reis!

São os lampiões que espargiam suas luzes das esquinas das ruas do Boqueirão, dos centenários solares iluminados a querosene marca "Jacaré"...

São os vagalumes que surgiam das macegas que margeavam a Avenida Brasil...

E' o eco que se ouvia ao longe, no Boqueirão, do berro dos touros em desafio, alta noite, prevenindo os rivais que não se aproximassem das fêmeas dos seus rebanhos...

A minha namorada, essa que às vezes me aparece em sonhos, sorridente, é o meu velho Boqueirão... E' o povoadozinho que florescia e despertava com o canto sublime dos sabiás, ou adormecia com os acordes maviosos de um piano que tocava na Casa Barão, dentro do silêncio das noites estreladas...

Essa deusa de minh'alma é o tagarelar dos papagaios que cruzavam o céu da vilazinha, em tôdas as direções, à tôda hora, num vai-e-vem infindável, preconizando, na crença daquela gente simples e boa, revolução no país ou qualquer outro grave acontecimento...

Essa namorada que, na minha fantasia, ora eu vejo passeando pelas ruas da cidade, ora sorrindo para mim lá do céu, das nuvens, das estrêlas, é o violão, a flauta, a gaita, as serenatas daquelas noites enluaradas no vilarejo de então...

São os trovadores e os gaiteiros que tocavam e cantavam no Boqueirão, num canto da velha "bailante" de tantas e tão agradáveis recordações...

E' o sol que despontava pela manhã, doirando a copa dos pinheirais da vila que, qual uma noiva, sorria para o futuro...

Essa namorada maravilhosa, sublime, feita de luz da aurora, dos raios do luar, do cintilar das estrêlas, tem estatura mediana, cabelos castanhos, mãos delicadas e pequeninas, dentes qual um colar de pérolas e sorrisos fascinantes...

Essa namorada é o Boqueirão da minh'alma! E' a maravilhosa cidade de Passo Fundo!

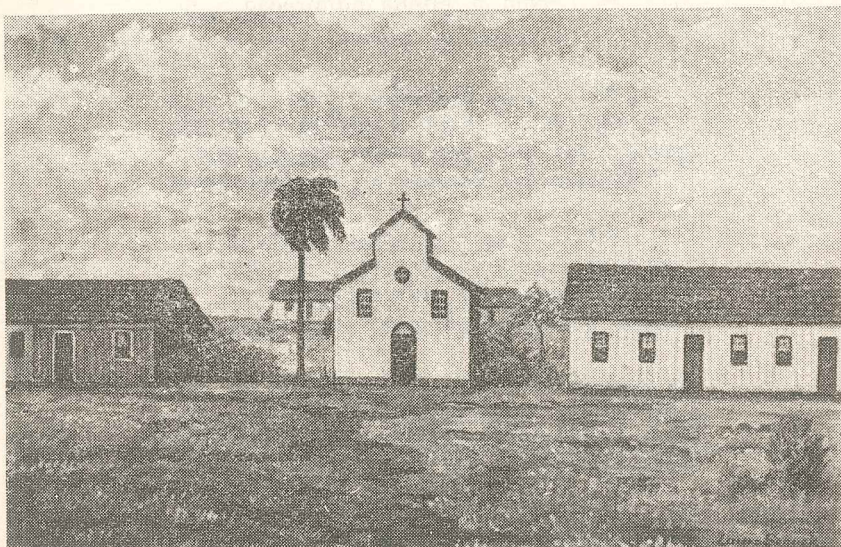
O AUTOR

PRIMEIRAS CASAS DA PARTE NOVA DA CIDADE DE PASSO FUNDO



- 1 — Casas do Major Manoel Teodoro da Rocha Ribeiro, hoje pertencentes ao Sr. Carlos Rotta e mais um terreno baldio, onde será construída a sede da Associação Comercial.
- 2 — Antiga Igreja Matriz, em cujo terreno vê-se, atualmente, a suntuosa Catedral.
- 3 — Residência do Pe. Tomás de Sousa Ramos, federalista, barbaramente trucidado por um piquete da Brigada do Cel. Santos Filho, em junho de 1894. Essa casa ficava situada ao lado da "Livraria Progresso", local onde o Cel. Pedro Lopes de Oliveira (Cel. Lulico) construiu um prédio que hoje pertence à viúva de Napoleão Duarte.
- 4 — Espaço ocupado pela pitoresca praça Marechal Floriano.
- 5 — Casa de Antônio Rodrigues da Silva Câmara, pai de Faustino Rodrigues, em frente ao Banco da Provincia.
- 6 — Primitiva Capela São Teodoro, requerida por Joaquim Fagundes dos Reis, em 1834. A mesma fôra construída no local onde hoje existe o sobrado do Sr. Pedro Ceratti.
- 7 — Chácara de Luísa Brás, entre o atual sobrado do Dr. Sabino Arias e a Igreja Metodista.

A foto supra, apanhada em 1866, foi descoberta em 1935, pelo autor d'êste livro, que é membro da comissão de pesquisas do Instituto Histórico de Passo Fundo e do Grêmio Passofundense de Letras. A foto pertencia ao Sr. Atilio Della Mèa.



Eis, em destaque, a Capela de São Teodoro, requerida em 1834, que também se vê na fotografia anterior, assinalada sob o n.º 6, ladeada pela casa residencial de Antônio Rodrigues da Silva Câmara (n.º 5) onde hoje está o Bazar Guarani e a chácara de Luísa Brás (n.º 7) onde hoje se ergue o majestoso "Edifício Adriana", de propriedade do Dr. Sabino Arias, situados à rua Bento Gonçalves, entre a Avenida Brasil e rua Moron.

A MINHA NAMORADA

Ao meu amigo Professor Sabino Santos,
com a minha admiração.

A minha deusa, a minha namorada,
Que vem de outrora e a vitória empalma,
Nasceu da luz, dos raios da alvorada:
É o Boqueirão, Boqueirão da minh'alma!

Foi criança, cresceu, ficou lendária...
Suportou ventos nortes e minuanos!
E hoje, apesar da idade centenária,
Vejo-a sorrindo, no vigor dos anos!

Para saudá-la, com a minh'alma ao léu,
Caminho e vejo a noite enluarada...
Meu pensamento, então, subindo ao céu,
Pede ao Senhor um canto, uma balada!

Quem aprendeu nas páginas da história,
Que o Boqueirão surgiu e floresceu,
Bem sabe que êsse bairro é nossa glória,
Relíquia e tradição que não morreu!

Sendo crente, nas preces fervorosas,
Peço ao Senhor e aos anjos do infinito
Que mandem, lá do céu, **nuvens e rosas**
Ao Boqueirão, ao Boqueirão bendito!

Disse Antonino Xavier e Oliveira,
Nas obras que escreveu e em contos leves,
Que outrora uma vilinha alviçareira
Surgiu nos campos de Manoel das Neves.

Surgiu o Boqueirão nas priscas eras
Do império, das rainhas e monarcas!
Com trabalho, com honra e leis severas,
Tem glória, tem heróis e patriarcas!

Do sol, dos astros, de uma luz divina,
Ao norte a Passo Fundo então nasceu;
Porém, como a flor para o sol se inclina,
Também para o nascente ela pendeu!

Foi de um berço florido e sorridente
Que eu canto no meu verso, numa trova,
De um povoado ainda novo e florescente
Que vieram vilas e a "Cidade Nova"!

E hoje, saudando a minha namorada,
Que é o Boqueirão, na data que ora passa,
Ergo um brinde à Passo Fundo adorada,
Com tôda a sua beleza, encanto e graça!

—o—

1-11-1956

INGRATA DO BOQUEIRÃO

(Canção)

Como sabes que eu te quero,
Magoaste o meu coração;
Eu de ti mais nada espero,
Ingrata do Boqueirão!

Quando rondo a tua casa,
Alta noite e choro em vão,
A minh'alma então se abraça,
Ingrata do Boqueirão!

Quando às vêzes eu te vejo
Na janela ou no portão,
Mais te quero e te desejo,
Ingrata do Boqueirão!

Na minh'alma dolorida
Não há mais uma ilusão;
Fôste o mal da minha vida,
Ingrata do Boqueirão!

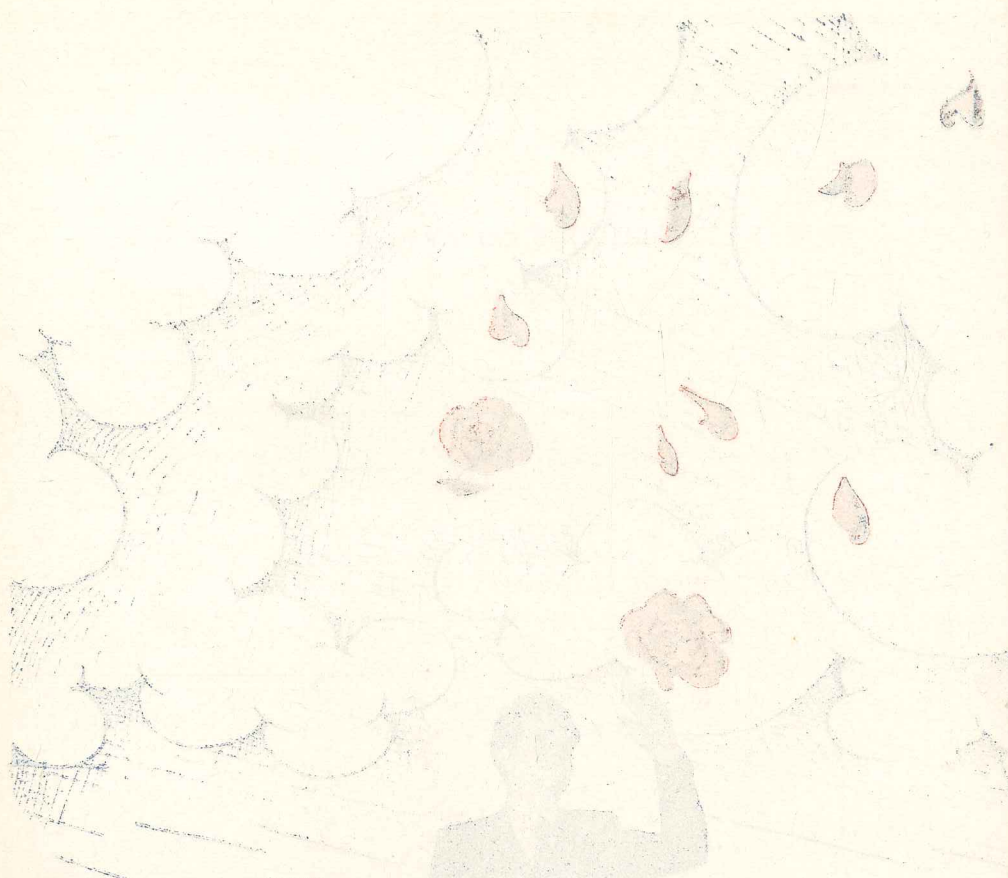
Minha morte quero em breve,
Mas terás o meu perdão;
Peço a Deus que já me leve,
Ingrata do Boqueirão!

Como sabes que eu te quero,
Magoaste o meu coração;
Eu de ti mais nada espero,
Ingrata do Boqueirão!



*Senhor! Senhor!
Que caiam nuvens
e rosas no meu
velho Boqueirão!*

*Salve! Salve!
O primeiro Centenário!
Viva PASSO FUNDO!
Viva os nossos
Patriarcas!*



Salut! Salut!
Opriminți! Opriminți!
Pasa Pasa Pasa
Pasa de Pasa
Pasa de Pasa

Salut! Salut!
Opriminți! Opriminți!
Pasa Pasa Pasa
Pasa de Pasa
Pasa de Pasa

NUVENS E ROSAS

(Canção)

Esta poesia foi feita durante um vôo de
Passo Fundo a Pôrto Alegre, num avião da
Varig.

Se eu tenho saudades dela,
Tristezas no coração,
Trago sempre na minh'alma
Lembranças do Boqueirão!

Lembranças da sua casa,
Das janelas, de um portão...
Minha vida e meus amôres
Ficam lá no Boqueirão!

Sonhando com céus e nuvens,
Vou fazendo esta canção...
De longe eu vejo um sorriso
E um olhar no Boqueirão...

Sou crente e peço ao Senhor,
Na minha humilde oração,
Que caiam nuvens e rosas
No meu velho Boqueirão!

Rosas frescas e orvalhadas,
Da primavera ou verão,
Eu peço a Deus para aquela
Que mora no Boqueirão...

Se eu tenho saudades dela,
Tristezas no coração,
Trago sempre na minh'alma
Lembranças do Boqueirão!



A PRISÃO PARA OS POETAS

Dedico, com a minha admiração e respeito, à ilustrada e inteligente professora, srta. Thereza de Almeida.

Os poetas são loucos, sonhadores,
Dizem, mas peço, então, que consideres:
A loucura dos poetas sofredores
Traz o mal da ingratidão das mulheres!

Para que elas também possam sofrer
A dor e a mágoa que nos mata aos poucos,
Em que lugar e quem há de fazer
A prisão para os visionários loucos?

Essa cadeia, enfim, que Deus construa
Para os que cantam a beleza e o amor!
Mas onde? No céu, na terra, na lua?
Eu quero que respondas sem temor...

Como as mulheres são as mais culpadas
Do mal dos homens — poetas ou não —
Para êles, de almas tristes, torturadas,
É mister que se faça uma prisão!

Uma cadeia onde as mulheres sintam
A voz dos loucos dentro do seu peito,
Gritos d'alma a pedir que não desmintam
Juramentos de amor e de respeito!

Para os homens, com alma insatisfeita,
Que vivem desfolhando mal-me-queres,
Essa prisão — eu digo — há de ser feita
Lá dentro, no coração das mulheres!...

—o—

Natal de 1955

PARA UM POETA

"Não creia, meu caro, que tôdas as mulheres são ingratas,
incapazes de manter um juramento, de amar com fidelidade, de
ter, por longo tempo, o mesmo nome nos lábios, o mesmo sonho na
alma, a mesma ternura no coração.

É certo que entre nós existem vaidosas, sedentas de homena-

gem, almas volúveis sempre em busca de amor, de fantasia, de sonho, de encantamento.

Mas estas não têm culpa. Nasceram assim, predestinadas a serem a angústia dos poetas, a despertarem amor e a jamais amar.

Nos homens que encontram buscam um ideal que não existe, nos amôres buscam um amor eterno que não encontram.

Morrem com a mesma ânsia de amar que as fez derramar sofrimento por onde passaram.

Foram amadas; isto é lindo. Mas nunca puderam amar, isto é doloroso.

Não as julguemos por suas inconseqüências, pobres almas se-
quiosas de carinho, mas tenhamos um reconhecimento: a elas de-
vemos os mais belos poemas, os mais sentidos cânticos de amor.

Elas — repare bem! — as cruéis, as indiferentes, as fúteis,
foram as verdadeiras musas dos poetas.

As mulheres dedicadas, repousantes em sua ternura, constan-
tes em seu afeto, estas, meu caro, não receberam mais que
versos medíocres.

Os grandes poemas, escritos com tanto sentimento que por
sob as letras nos parece verter sangue, foram inspirados por mu-
lheres bonitas que colhiam amôres e os dispersavam ao vento
com a mesma faceirice e os mesmos gestos impensados de quem
colhe flôres no campo, faz um ramo bonito e o esquece, depois
à beira da estrada.

Se é certo que há mulheres ingratas, há também as que são
sinceras tôda a vida. Dirceu amou Marília. Dirceu imortalizou
Marília com seus versos. E Marília morreu solteira, muito velhi-
nha, rodeada de tudo que lhe fazia lembrar aquêlê amor da mo-
cidade.

Dirceu, no entanto, como o nosso pobre poeta da Inconfidên-
cia, Tomás Antônio Gonzaga, foi para o exílio e lá... casou com
uma viúva rica. Mas êstes são pensamentos soltos que me vieram
por culpa de seus versos, meu caro.

Não há, em mim, a menor intenção de defender ingratas e
acusar poetas. Continuo achando que a prisão ideal para um
poeta são dois braços ternos, perfumados, de mulher.

Mas, para a poesia ser brilhante a Musa deve ser mentirosa
e cruel, ingrata e fútil, fugidia como o vento, frágil e desinquieta
como as borboletas.

Não tire conclusão de nada disto. Os poetas são poetas. As
mulheres são mulheres. Apenas — concorde comigo! — bem triste
seria o mundo sem a mulher e o poeta.

Thereza de Almeida

Livramento, janeiro de 1956"



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Com profundo carinho, dedico à minha
fiel espôsa e companheira de tôdas as horas.

Por que é que o povo delira?
Que vemos de extraordinário,
Se os sinos do campanário
Badalam na Catedral?
— É a rainha do Universo!
Salve! salve! a Santa Imagem
Que traz a linda mensagem
Do nosso Pai Celestial!

Nossa Senhora de Fátima,
Por mares, montes e serras,
Nos veio lá de outras terras,
Do longínquo Portugal!
Percorrendo o mundo inteiro,
Essa imagem sacrossanta,
Que é tão linda e nos encanta,
Tem beleza angelical!

Por que vemos lenços brancos
Da multidão acenando,
Quais garças que chegam voando,
Corridas do vendaval?
— São católicos, são crentes,
É a festa de tantas almas,
Do povo que bate palmas
Pela vida espiritual!

Eu te imploro, ó peregrina,
Salvação dos pecadores!
Vem aliviar nossas dores,
Já tens a bênção papal!
Pede ao Senhor dos exércitos
Que as nações não façam guerra,
Que os homens vivam, na terra,
Numa aliança fraternal!

Nossa Senhora de Fátima,
Que abençoe o mundo inteiro,
Livre o povo brasileiro
Da tentação e do mal!
Santa humilde e milagrosa,
Que nos dê perdão e graça,
Dobre os joelhos quando passa
Tua imagem divina!

Por que vemos lenços brancos
Da multidão acenando,
Quais garças que chegam voando,
Corridas do vendaval?
— São crentes, ó Santa Imagem,
Que os teus milagres sentindo,
Nas preces estão pedindo
Pela paz universal!

—o—

P. Fundo, 4-9-1952

A CASA DELA

Ao professor e poeta Aurélio Amaral,
com a minha sincera admiração.

Contendo a mágoa, com tristeza eu vejo
Que a casa dela ainda está deserta!
Vê-la de porta e de janela aberta,
Seria o meu encanto e o meu desejo!

Essa alegria, enfim, que tanto almejo,
Traz a minh'alma vigilante, alerta!
O silêncio da casa me desperta
Saudades d'um abraço e mais um beijo!

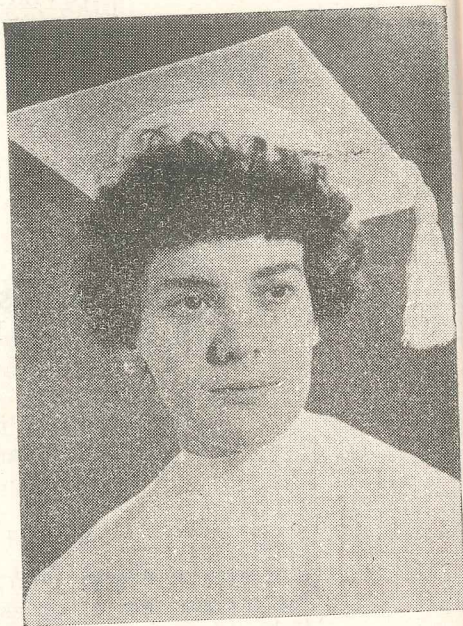
Louco de amor e mágoa torturante,
Espero o seu regresso a todo instante
E rondo, na Avenida, a casa dela!

Com a minh'alma vibrando de alegria
Hei de vê-la, de lenço branco, um dia,
Sorrindo e me acenando da janela!...

—O—



LÓIA



NIRA

NEMA



Professôras, Lóia, Nena e Nira, filhas do autor dêste livro.

O SABER

As minhas filhas Lóia, Nema e Nira, pelas suas formaturas na Escola Normal "Osvaldo Cruz" e "Notre Dame" de Paso Fundo.

No colégio a boa aluna
Faz empenho de aprender;
Não há no mundo fortuna
Que se compare ao saber.

Com o tempo que decorre,
Falta a mamãe, o papai,
O marido também morre
E a herança tôda se vai.

Nunca perde quem aprende,
O saber ninguém arrisca;
Não é jóia que se vende,
Nem haver que se confisca.

Quem almeja grande soma
Fica prêso ao vil metal;
Tem mais valor um diploma
Da nossa Escola Normal!

—o—

4-8-1942



FAMÍLIA DO AUTOR

AIDA WORM DOS REIS, esposa e filhas do autor deste livro. Fotografia tirada em Porto Alegre, a 20 de setembro de 1935, por ocasião do transcurso do aniversário da Revolução Farroupilha.

"INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AO FUNDADOR DA CIDADE"



Na foto acima, assinalada pela seta, vê-se o autor d'êste livro proferindo, no dia 7 de agosto, o discurso de inauguração do monumento a Joaquim Fagundes dos Reis, patriarca da cidade.



Lucila Vieira Schleder, 1.^a Rainha da cidade, eleita em 1936, filha de Guilherme Schleder e de d. Maria Conceição Vieira Schleder, e neta do respeitável casal Inocêncio Schleder e de D. Arminda Morsch Schleder, expoentes da sociedade passo-fundense

LUCILA SCHLEDER

(Acróstico)

Lembro-me quando ela passava pela frente
do meu escritório, em direção à Praça Ma-
rechal Floriano...

Foi ela a primeira "rainha" da cidade de
Passo Fundo, eleita pelo Grupo Record, em
11-10-1936.

Lá vem ela pela rua a fora,
Uma deusa, sim, que vem à praça,
Como a Vênus divinal de outrora,
Invicta na perfeição, na graça!

Lá vem ela, vem sorrindo, agora,
A loirinha cativante passa...
Seus cabelos são da côr da aurora,
Como é linda, que rubi sem jaça!

Haverá donzela, por ventura,
Loira ou não, que a vença em formosura,
Encanto e beleza, neste mundo?

Decantá-la ninguém pode, em verso!
Essa, que é a mais bela do universo,
Reinará num trono em Passo Fundo!...

—o—

1936

A CRIANÇA MORTA

Este anjinho, esta criança,
Que veio ao mundo e morreu,
Num caixãozinho descansa,
Foi mais feliz do que eu...

Não lamentem essa morte,
Sua mamãe não chore tanto!
Talvez tenha melhor sorte
Lá na paz do campo santo!

Se vivesse iria à guerra,
Levar a cruz ao calvário...
Nunca falta sôbre a terra
Um ditador sanguinário!

Maridos maus também há,
Que maltratam a consorte;
Deixai a criança que vá
Para o silêncio da morte!

Não quis viver neste abismo,
Trilhar caminhos de abrolhos;
Depois que teve o batismo
O anjinho fechou seus olhos...

Para o céu o querubim,
Num caixãozinho tão lindo,
Com seus lábios de carmim,
Parece que vai sorrindo...

Com as mãozinhas ao peito,
Este anjinho que morreu,
Pelo Senhor sendo eleito,
Foi mais feliz do que eu!...





Eis aqui uma pose da bela "Miss Passo Fundo", a gentil srta. Célia Ferreira, eleita há pouco para representar nossa terra no memorável certame de beleza, havido na Capital Gaúcha.

Célia, realmente, é expoente máximo do encanto que exorna a personalidade da mulher bela, de uma juventude exuberante, rica de espiritualidade, de sonhos e esperanças mil, enchendo a vida de enlevos.

Neste ano de 57, "Miss Passo Fundo" cumprirá seu feliz e encantador reinado, como imperatriz da beleza, da cultura e da espiritualidade da mulher deste recanto do Rio Grande do Sul.

Célia Ferreira é filha do conceituado casal Érico Gomes Ferreira e de sua Exma. esposa D. Julieta Ferreira. (Transcrito do Registro Social d'O Nacional de 24-6-57).

ALMAS ENAMORADAS

Ao escritor e jornalista Saul Sperry Cezar,
com a minha admiração.

Nesta manhã de primavera em flor,
De um céu azul, de sonhos, de alvorada,
Novamente quis ver meu grande amor,
A minha deusa — a minha namorada!

Porém com mágoa, com tristeza e dor,
Vejo que a casa dela está fechada...
Lá por dentro não há nenhum rumor
E volto com a minh'alma desolada!

Partindo esta manhã, bem longe, agora,
Ela já viu a nuvem côr-de-rosa,
A flor dos campos e o raiar da aurora!

Mas em breve hei de ver a minha amada,
Noutra manhã, também maravilhosa,
De sol, de luz, de risos, de alvorada!

ESPERANÇA

Numa festa uma balzaqueana pediu-me
que fizesse uma poesia — Esperança — e
escrevesse no seu Álbum, com meu autógra-
fo. Ela, com 35 primaveras e eu com 50 ou-
tonos, mas ainda brotão...

Na vida vamos sorrindo,
Neste mundo caminhando
Pela estrada, além, além...
Os velhos vão sucumbindo
E os moços, velhos ficando,
À espera do que não vem...

Com êsses golpes tiranos,
De mágoas e desenganos,
Quanta desgraça haveria
Se não houvesse a esperança,
Essa ilusão que descansa
Sòmente na lousa fria!...

—o—

18-11-1950

PASSO FUNDO DE AMANHÃ

A todos os habitantes da Comuna que
ajudaram a construir e engrandecer Passo
Fundo.

Para a frente, habitantes da Comuna,
Que a vitória há de surgir,
Límpida, cristalina e retumbante,
No presente e no porvir!

Um povo em harmonia, unido e forte,
Dando exemplo singular,
Terá a força das varas misteriosas,
Que ninguém pôde quebrar!

Lutar pela grandeza da Comuna,
Nos encanta e nos apraz;
O egoísmo, qual a poeira das estradas,
Deveis deixar para trás!

Na cidade, nas vilas e nos campos,
Vê-se a firme diretriz
De um povo laborioso e progressista,
Que a vitória nos prediz.

Se o trabalho nos honra e glorifica,
Dedicaí-vos com afã,
Que tereis paz, riqueza na Comuna,
Para os dias de amanhã!

Olhai com simpatia os ruralistas
Que, no inverno e no verão,
São heróis nas florestas e nos campos,
Nas lavouras do sertão!

Qual um facho de luz no céu da Pátria,
Contemplai nossos aviões
Que lá vão, através das nuvens brancas,
Em diversas direções!

Nas fábricas, nos campos e hospitais,
Podeis observar também
Milhares de operários e de médicos,
Que trabalham para o bem.

A gloriosa e lendária Passo Fundo
Tem as graças do Senhor;
Nos esportes, escolas e ginásios
Canta a mocidade em flor.

Para a frente, habitantes da Comuna,
Que a vitória há de surgir,
Límpida, cristalina e retumbante,
No presente e no porvir!

—o—

Natal de 1951

SONETOS BRASILEIROS

Quando eu era noivo da Aida, esta que
mais tarde desposei e que, além de espôsa, tem
sido a minha inspiradora e leal confidente,
recebi dela um livro. Isto foi em Pôrto Ale-
gre, lá pelo ano de 1922.

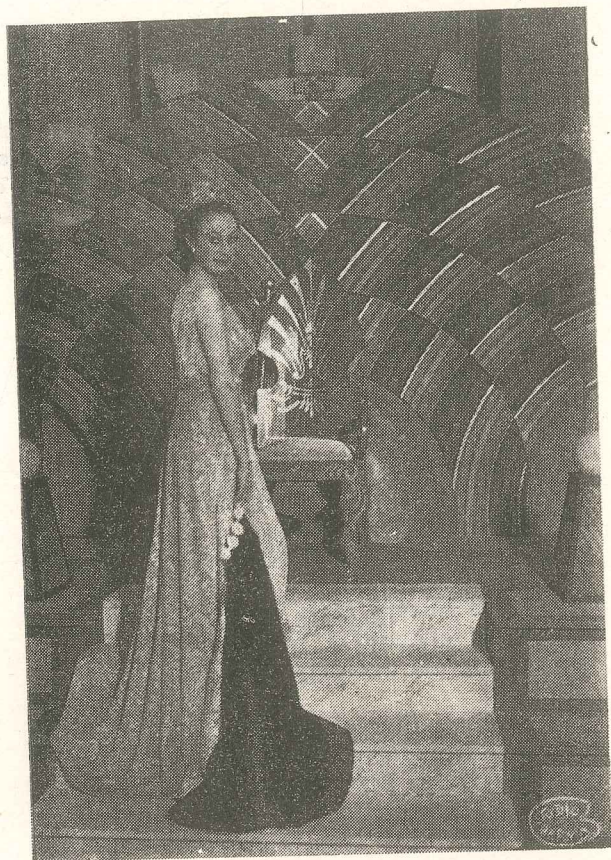
Como é linda a "Coletânea
De Sonetos Brasileiros",
Tua dádiva espontânea,
Quando fiz vint'um janeiros!

Nessa musa consentânea,
Os teus olhos feiticeiros,
Em leitura simultânea,
Trazem os meus prisioneiros!

Onde haverá mais poesia,
Mais encanto e melodia?
Ponho-me agora a cismar...

Será no livro de versos,
Que traz meus olhos imersos,
Ou na luz do teu olhar?!...





Aurea Gomes, 1.^a Rainha do Clube Caixeiral, coroada num suntuoso baile realizado na sede social, em 6 de agosto de 1938; filha do estimado casal Filomeno Pereira Gomes e D. Herminia Domingues Gomes

ÁUREA GOMES

Esta poesia foi dedicada à srta. **Aurea** Gomes, primeira rainha do Clube **Caixeiral** de Passo Fundo.

Como bem vêdes, não é
Nas cordas da minha lira
Que a mocidade se inspira
E vive agora a sonhar...

Soberana cativante,
Nossa esbelta favorita,
Tendes bondade infinita,
Mais o dom de fascinar!

Ó, encantadora rainha
De imaculada pureza,
Nesse trono de beleza
Sois uma santa no altar!

Tendes a voz da sereia
Que seduz os navegantes
E sorrisos fascinantes,
Magia no vosso olhar!

Minha musa nada vale,
Nada valem os meus versos
Que vão por aí dispersos;
São rimas de um trovador...

Sois vós, ó bela rainha,
Que nos dais alacridade,
Que embalais a mocidade,
Na primavera do amor!

Nem mesmo a famosa Vênus,
Perfeição, beleza rara,
Que há no mármore de Carrara,
Suplanta o vosso esplendor!

Salve a excelsa soberana,
Com tanta beleza e graça!
Convosco, rubi sem jaça,
Canta a mocidade em flor!

—○—

P. Fundo,
6-8-1938

DE PRATOS QUEBRADOS...

Rompeste comigo e afinal, de fato,
Quebraste os vasos, jarras e tigelas!
Como se eu fôsse um pecador e ingrato,
Só faltaste quebrar minhas costelas!

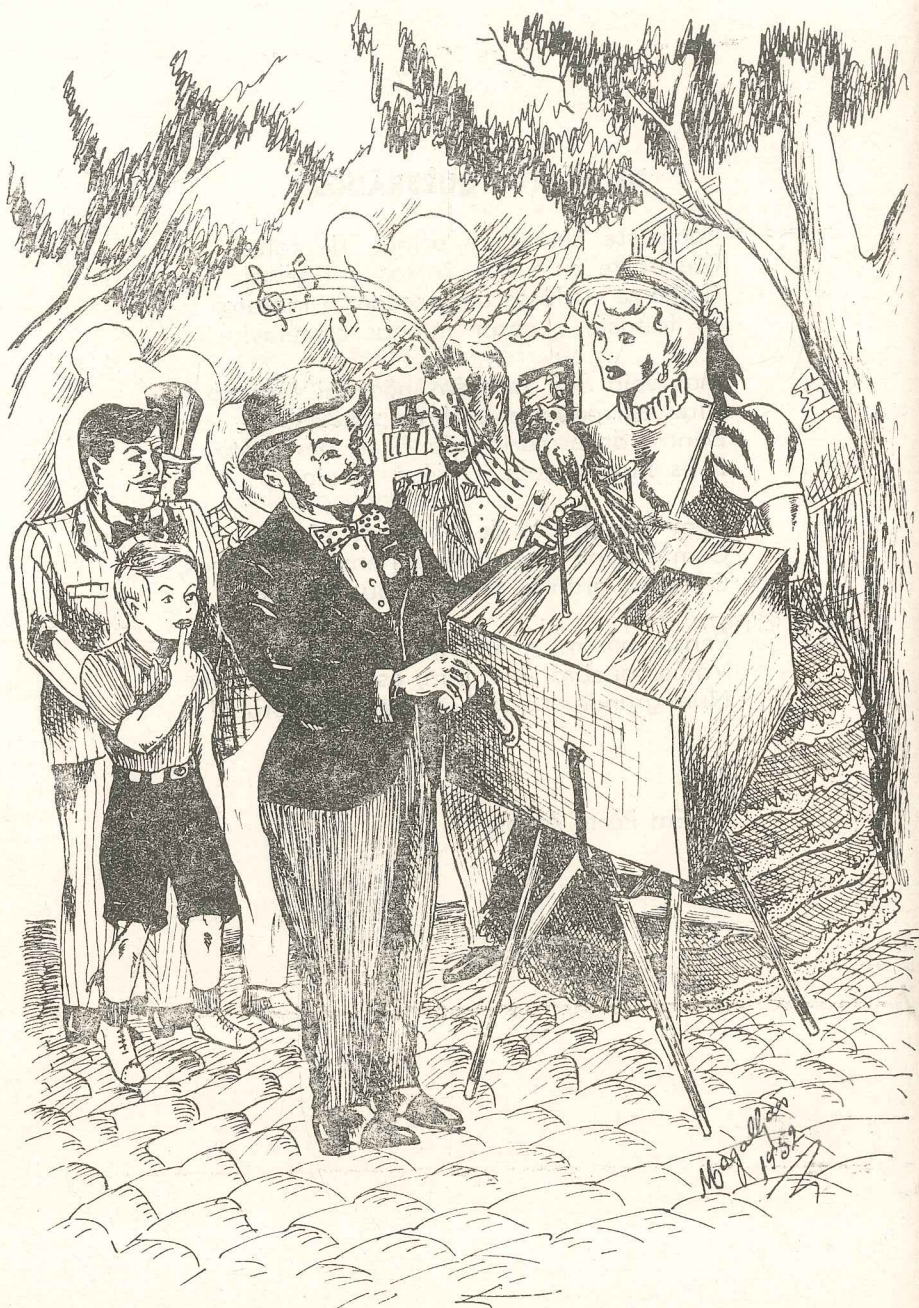
Mas vejo que também não fui sensato,
Virei as mesas e quebrei panelas!
Dentro do armário não ficou um prato,
E as xícaras joguei pelas janelas...

Com êsse arrufo de tremendo efeito,
Com a minh'alma também em mil pedaços,
O nosso grande amor ficou desfeito!

Pensa, porém, meu anjo idolatrado:
Vamos quebrar, por fim, os nossos braços
Num grande apêto e um beijo demorado!...



Em Pôrto Alegre



PASSO FUNDO DE OUTRORA

Ao meu prezado amigo e ilustre historiador conterrâneo Francisco Antonino Xavier e Oliveira, esta minha modesta e sincera homenagem.

Quanta beleza que havia
Naquele romper da aurora,
Cheio de encanto e poesia
Da Passo Fundo de outrora!

Quando me vinha um bafejo
Da primavera ou verão,
Sempre se ouvia um realejo
No meu velho Boqueirão...

Na Passo Fundo adorada,
De uma esperança infinita,
Minha sorte era tirada
No bico da caturrita...

Como minh'alma sonhava,
Pelas estradas sem fim,
Quando a guitarra tocava
Nos ranchinhos de capim!

No alegre florir dos anos
Da Passo Fundo de outrora,
Não havia os desenganos,
Nem as tristezas de agora.

Tinha minh'alma enlevada
No violão de algum cantor,
Quando ouvia uma alvorada,
Belas cantigas de amor...

Naquela vila poética,
Das florestas e dos campos,
Não havia luz elétrica:
Tinha a luz dos pirilampos.

Quanta beleza que havia
Naquele romper da aurora,
Cheio de encanto e poesia,
Da Passo Fundo de outrora!

—○—

13-9-1948

LOUCO DE AMOR

Onze horas! Linda noite, a lua é bela!
Vejo a Avenida já deserta, morta...
Finalmente, chegando à casa dela,
Do lado eu bato, lentamente, à porta...

Paro. Escuto. E atento examino tudo,
Sua casa, seu jardim, seu patamar...
Ao longe apenas ladra um cão sanhudo,
Por tôda parte há raios de luar...

Suplico, enfim, que venha o meu amor,
E a minh'alma se expande loucamente...
Não ouvindo, porém, nenhum rumor,
Aflito eu bato à porta, novamente...

Depois de alguns minutos de tortura,
Sinto, afinal, que o trinco se moveu...
Na porta existe antiga fechadura
E apenas uma volta a chave deu...

Enquanto a porta ali me mortifica,
Lá por dentro ela ouve o meu clamor...
Cá de fora a minh'alma lhe suplica
Que torça aquela chave, por favor...

A noite é bela, silenciosa, morta...
Outra voltinha! E a chave ela torceu!
Radiante eu vejo, pelo vão da porta,
Que sua mãozinha branca apareceu!

Pego-a, aperto e a beijo triunfante!
Entro. O luar penetra pela sala...
E ela, tímida, recua vacilante,
Eu me aproximo mais para abraçá-la!

— Estás louco! — Ela então murmura aflita
E diz: — Por que vens me abraçar aqui? —
— Porque sinto esta ventura infinita
De ser um louco, sim, de amor por ti!

Naquelas noites claras, silenciosas,
Era o romance, o amor que começava...
Na sala eu via flôres, lindas rosas,
Da parede o Senhor nos abençoava...

Seria o mundo, enfim, de mágoa e dor,
De mulheres e de homens torturados,
Se não houvesse um verdadeiro amor,
Amor de mãe, de pai, de namorados!

Mas hoje, abandonado, eu vejo tudo,
A casa, o trinco, a porta que ela abria...
Ouço, ainda, bem longe, o cão sanhudo
Que nas noites de luar então latia...

Vejo a Avenida mais deserta, morta,
E a minh'alma anda triste e dolorida...
Para vê-la outra vez num vão da porta,
Eu daria — meu Deus! — a própria vida!...

AVENIDA GENERAL NETTO

Pedimos, senhor Prefeito,
Calçada larga, elegante!
Jamais quer caminho estreito,
Quem pisa como gigante!

Ninguém fala de pobreza,
Ninguém gosta de abertura,
Neste Brasil de riqueza,
Nesta terra de fartura!

Nada de escuro na vida,
Sempre o clarão nos seduz...
Queremos bela Avenida,
Com grandes focos de luz!

Machado nos cinamomos!
Picareta nas calçadas!
Hão de ver que agora somos,
Do progresso, as alvoradas!

Caiam árvores de outrora,
Do tempo de Adão e Eva...
Que o povo deseja agora
Um raio de luz na treva!

Senhor Prefeito, no cargo,
Faça tudo que puder!
Que caminhe bem no largo,
Quem larga visão tiver!...

—o—

10-9-1938



AMOR COM VIÚVA

Essa que amo e quero com loucura,
Talvez já tenha trinta e poucos anos;
Como êste mundo só nos traz enganos,
Sei que ela teve mágoa e desventura!

Embora a sorte, tão ingrata e dura,
No matrimônio lhe causasse danos,
Trazendo-lhe a viuvez e os desenganos,
Jamais pecou, jamais será perjura!

Porisso essa mulher é o meu encanto,
É a inspiração divina da minh'alma,
Por ela eu vibro e me arretrato tanto!

Essa que é mãe, que é divinal e pura,
Que tem recato e tem beleza n'alma,
Hei de amá-la e querê-la com loucura!

Em Pôrto Alegre, 1926.



Srta. Therezinha Ferreira, formanda da Escola Normal "Oswaldo Cruz" e fino ornamento da sociedade local; filha do Sr. Ivo Ferreira e de sua exma. espôsa D. Hodorina dos Santos Ferreira.

THEREZINHA FERREIRA

Esta mimosa donzela,
Que nos fala de poesia,
Tem beleza e simpatia,
Tem delicado perfil;

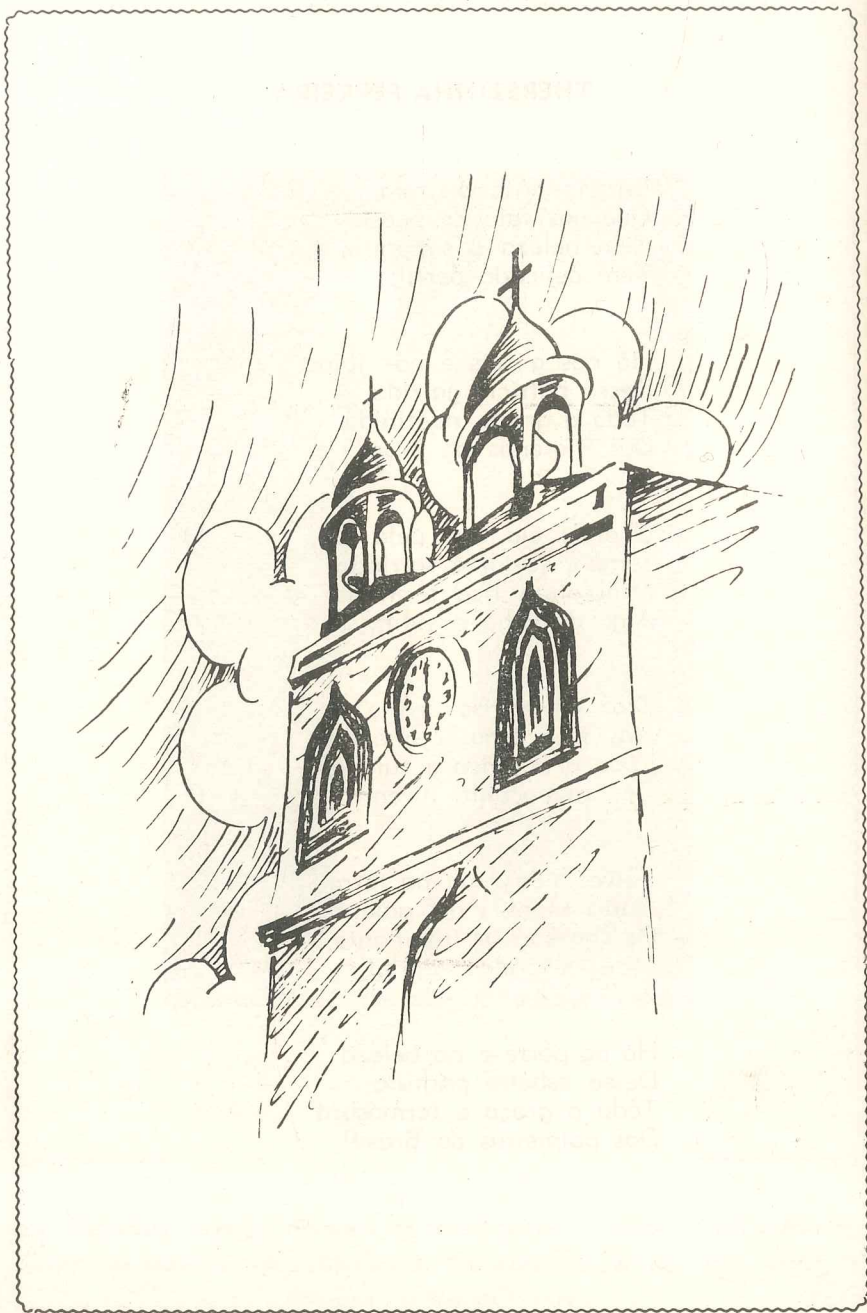
Há nos gestos e nas falas
Dessa patricia garrida,
Tôda a graça indefinida
Das morenas do Brasil!

Quando ela vem pela rua,
Sempre jovial e sorrindo,
Minh'alma fica sentindo
Algo de vago e sutil;

Traz no sorriso divino,
Nos seus olhos cismadores,
Tôda a pujança e fulgores
De um encanto juvenil!

Talvez não haja na terra
Outra moça mais galante,
De um sorriso fascinante,
Mais delicada e gentil;

Há no porte e na beleza
Dessa esbelta criatura,
Tôda a graça e formosura
Das palmeiras do Brasil!



SINOS DA CATEDRAL

Ao estimado amigo Arlindo Luís Osório,
no dia da inauguração e bênção dos sinos da
Catedral de Passo Fundo, em 6 de agosto
de 1950.

Já os sinos da Catedral
Esta manhã badalaram...
E as nossas almas cantaram
Lindos cânticos de amor!

Belos sons do campanário
Estamos agora ouvindo...
E os anjos estão pedindo
P'ra rezarmos com fervor!

Pedir ao Deus do Universo
Que se viva cá na terra
Sem malquerença, nem guerra,
Na santa paz do Senhor!

Como já estamos sentindo,
Na voz dolente dos sinos
Êsses mistérios divinos,
Salve! Salve o Criador !

DIÁRIO DA MANHÃ

A Direção, Corpo Redatorial e Funcionários
do DIÁRIO DA MANHÃ de Passo Fundo, no
dia do seu aniversário de fundação, em 28
de novembro de 1956.

Do DIÁRIO, leitor amigo,
Seu progresso ninguém tranque...
Veio à luz num prédio antigo,
No local da Casa Yankee.

Na velha casa de esquina,
Que ainda trago na memória,
Em paupérrima oficina
Teve o DIÁRIO vida e glória!

Essa casa que surgiu
Com a carrêta, o boi e a canga,
Era tão velha que ouviu
Nosso grito do Ipiranga...

As velhas portas se abriram
Sem peias e sem agravos,
Para os heróis que surgiram
Altivos, fortes e bravos!

Qual rosa que abriu na aurora,
Tôda orvalhada e louçã,
Abriu-se o prédio de outrora
Para o DIÁRIO DA MANHÃ.

Naquela casa modesta
Foi que o DIÁRIO circulou,
E o povo aplaudiu com festa
A idéia que germinou!

A idéia, enfim, que nos trouxe
Um guia, saber e luz;
Mais um jornal que firmou-se
E o povo orienta e conduz!

O DIÁRIO já triunfante,
Tendo as palmas da vitória,
Marcha altivo e vigilante
Para a frente e para a glória!

Parabéns aos funcionários
Desta empresa extraordinária,
Redatores e operários,
Que lutam na imprensa diária!

O abraço que eu dava outrora
Nos heróis deste jornal,
Esse abraço eu deixo agora,
De amigo sincero e leal!

—○—

FEITIÇARIA

Não sei de que maneira me cegaste,
Quando, sorrindo, à minha frente, um dia,
O meu lenço de bolso tu levaste,
Com a idéia de fazer feitiçaria!

Habilíssimo ardil tu me aplicaste
Nesse passe, tão lindo, de magia...
Se minh'alma, afinal, já conquistaste,
Meu amor não terás com bruxaria!

Feitiço existe, sim, mas no meneio
Dêsse teu corpo divinal que eu vejo,
Também na côr de lírio do teu seio...

Outro feitiço, enfim, mais singular,
Há no encanto sublime do teu beijo,
Na tua fala e na luz do teu olhar!...

—○—



CLARO SEVERO E O BOQUEIRÃO

Ao meu confrade e amigo Píndaro Annes.

Claro Severo era o nome de um moreno que, há mais de meio século, levando consigo uma escadinha, acendia diàriamente, à hora do crepúsculo, os lampiões nas ruas do Boqueirão.

Certa vez, conforme cita o sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira em uma de suas obras, houve uma acalorada discussão numa esquina dêsse bairro passo-fundense, entre alguns rapazes daquela romântica época.

Enquanto alguns dêles diziam que um determinado lampião estava aceso, outros afirmavam — chegando até mesmo a jurar — que o mesmo estava apagado.

Para acalmar a discussão, ao mesmo tempo que procurando evitar conseqüências mais graves, Gezerino Annes, o maior pilhérico daqueles tempos, aproximou-se do dito lampião e, para constatar êle próprio se havia lume, acendeu um fósforo.

Na presença de todos, tendo um fósforo aceso entre os dedos, disse o Gezerino:

— Vejam bem. O lampião não está totalmente apagado e nem aceso. Vê-se apenas o sinal de uma luz fraquíssima, bruxo-leante...

Nesse ínterim um malandro que passava por ali, envergando um bem talhado terno prêto, de cartola e bengala, súbitamente parou e exclamou:

— Deixem de discussão! Aí não existe luz nenhuma... Isso é o reflexo do luar e das estrêlas, nos vidros do lampião...

Pronunciadas estas palavras, prosseguiu a sua caminhada, sempre reboleando a bengala, em direção às poucas casas que existiam então para as bandas da futura "Cidade Nova", onde pretendia fazer uma conquista.

Como se vê, os célebres lampiões daquela saudosa época não

serviam sòmente para "iluminar" as ruas do florescente e aristocrático Boqueirão, senão também para piadas como esta do Gezerino, que, pelos decênios a fora vem sendo comentada.

Quem, entretanto, mais sofreu com êsses lampiões, foi o moreno Claro Severo, de saudosa memória. Quando êle saía pelo Boqueirão, conduzindo a sua escadinha com que acendia os lampiões, a gurizada daninha o espreitava dos seus esconderijos, para apagá-los ou quebrar os vidros com seus estilingues.

Pelo que afirmava o próprio Claro Severo, o mais diabólico, o mais hábil "bodoqueiro" da época era o "piá" Delorges Caminha, o mesmo Delorges Caminha que tão alto elevou o teatro nacional.

Aproximando-se agora a data do 1.º Centenário do Município, em homenagem à memória de Claro Severo, escrevi eu uma canção à qual dei o título "Lampiões do Boqueirão". A música desta canção, composta em São Paulo pelo maestro Orestes Fariello, deu uma linda toada-baião.

LAMPIÕES DO BOQUEIRÃO

Sou Claro Severo,
Que acende o lampião;
E a noite eu espero,
No meu Boqueirão.

Com esta escadinha,
Que eu levo na mão,
É bem à noitinha
Que acendo o lampião.

Com alma daninha,
Se eu faço um clarão,
Delorges Caminha
Me quebra o lampião.

Sou Claro Severo,
Do meu Boqueirão;
Delorges Caminha
Me quebra o lampião!



5-11-56

BOQUEIRÃO

Homenagem póstuma a Prestes Guimarães e Joaquim Fagundes dos Reis.

Dedicada também aos habitantes do poético Boqueirão, legítimos continuadores daqueles que fundaram a cidade e foram os pioneiros da emancipação política do Município de Passo Fundo.

Disse Antonino Xavier,
Num dos livros que escreveu:
— Nos campos do Cabo Neves
Foi que a cidade nasceu...
Daquele sítio risonho
Para o nascente pendeu.

E agora o povo está vendo:
Querem jogar na sargeta
O velho pai centenário!...
Mas trema o pulso, a caneta
De quem pretende deixá-lo
A ossos de borboleta...

Neste recanto da Pátria
Vê-se um passado de glória;
Tem fundadores e filhos
Para se honrar a memória!
Seus nomes já são lembrados
Na voz do povo, da história.

Pioneiros do Boqueirão,
De hora em hora Deus melhora;
Deixai o barco correr...
Que êsses governos de agora
Hão de ver que há sucessores
Daqueles bravos de outrora!

Gente da terra lendária,
Essa afronta clama aos céus,
Faz tremer as catacumbas!
Revolvam os mausoléus,
Tragam Prestes Guimarães,
Lança, espada e mais troféus!

De um raio de luz da aurora,
A Passo Fundo nasceu.
Um lindo jardim de rosas
Que a natureza nos deu!
Como a flor também se inclina,
Para o nascente pendeu!

Ó, Boqueirão da minh'alma!
Dêsse teu berço de amor
Eu recordo as serenatas,
A viola, a gaita, o cantor,
As noites enluaradas
E as pitangueiras em flor!

Vejo a carrêta e cargueiros
Do gaúcho varonil . . .
Vejo a macega, o ranchinho,
Mais a chinoca gentil
E ouço o berro de um touro,
Nessa Avenida Brasil!

Da velha Matriz de outrora,
Recordo em prantos e ais,
O sino do campanário . . .
Preces, cantos divinais
E os raios do sol dourando
A copa dos pinheirais!

Joaquim Fagundes dos Reis,
Já estão jogando labéus
No Baqueirão da minh'alma!
Revolvam os mausoléus,
Tragam Prestes Guimarães,
Lança, espada e mais troféus!

—o—

30-10-1953



Srta. Maria Augusta Corrêa, filha do Sr. Waldomiro Corrêa da Silva e exma espôsa
D. Maria da Luz.

MARIA AUGUSTA CORRÊA

A gentil srta. Maria Augusta Corrêa,
Rainha do Carnaval de 1956, do Clube Co-
mercial de Passo Fundo.

Venho saudar-vos, rainha,
Nesse trono de beleza,
De honra, glória e nobreza,
Rainha do Comercial!
Maria Augusta é bonita,
De uma bondade infinita,
De atrativos fascinantes,
De um sorriso divinal!

Salve, salve a soberana
Com tanta beleza e graça!
Sois lindo rubi sem jaça,
Rainha do Comercial!
Nesta noite ninguém falha,
Vinde travar a batalha
De conféti e serpentinas,
Nas festas do carnaval!

No vosso lindo reinado
Vemos donzelas formosas;
São lindos botões-de-rosas,
Princesas que a côrte tem.
Pierrôs alegres, valentes,
Vos saúdam sorridentes,
Jamais recuaram na liça,
São valorosos também!

Nestas horas de alegria
Os brotos não se revezam
E "galhos velhos" enfezam
Com pierrete e com pierrô...
Para saudar o rei Momo,
De entusiasmo eu já sei como
Hei de entrar nesse entrevêro,
Nessa onda eu lá me vou...

Rainha, ó linda rainha,
Que empolgais a mocidade,
Tendes glória e majestade
Nesse reinado de luz!
Vosso trono rutilante
É tão lindo e fascinante,
Tão sublime e divinal,
Que nos encanta e seduz!

Salve, salve a soberana!
Conosco sejais bendita!
Vossa bondade é infinita,
Rainha do Comercial!
Também vossas princesinhas
Em breve serão rainhas
Com a pompa, honra e glória,
Da vossa côrte real!...

—o—

11-2-1956



A gentil soberana do Clube Passofundense, Srta. Marly Helena Lima, eleita para o ano do Centenário, cuja coroação teve lugar em 14-10-56, em um suntuoso baile, que marcou época nos fastos da sociedade local; filha do Tenente Hercílio da Silva Lima e de sua exma. espôsa D. Maria Saraiva Lima.

MEU VELHO BOQUEIRÃO

Ao meu amigo Miguel Severo de Rezende.

Trago sempre na lembrança
Aquêles tempos de outrora,
Bem diferentes de agora,
Do meu velho Boqueirão;
Trago ainda na memória
Os versos que eu recitava
E as modinhas que cantava,
Nas cordas do meu violão.

De u'a morena me lembro,
Trago impresso na retina
Sua graça peregrina,
Seus encantos que senti;
Lembro ainda uma loirinha
De olhos azuis e bonita,
Tinha um vestido de chita
Que outro mais lindo não vi!

Tudo agora é diferente...
Não vejo mais os pinheiros,
Já morreram os gaiteiros
Que à noite vinham cantar;
Não vejo a velha "bailante",
Nem a luz dos pirilampos
Que vagueavam pelos campos,
Em noites de almo luar...

Êsses encantos passaram
E o que vemos hoje em dia
É sòmente hipocrisia
De mulher sem coração!
Porisso, às vêzes recordo
Os versos que eu recitava
E as modinhas que cantava,
No meu velho Boqueirão!

Lembro-me bem da morena,
Quando morreu era linda!
Mas a loira existe ainda,
Para o mundo ela sorri...
Não perdeu os seus encantos,
De olhos azuis e bonita,
Tinha um vestido de chita
Que outro mais lindo não vi!

—o—

25-6-1952

MARIA SARAH PALMA

(Acróstico)

À minha sobrinha Chonita Palma Marques.

Menina alegre e bizarra,
A tua voz é maviosa;
Relembras uma cigarra
Imersa na mata umbrosa,
A cantar de farra em farra!

Sabem todos que teu canto
Atrai e comove tanto...
Recorda a lira sonora,
Aquêles cantos de outrora,
Hoje apreciados, no entanto!

Para Deus o teu violino,
Agora tecendo um hino,
Lançado ao luar de prata,
Muito e muito me arrebatava,
Assim mágico e divino!

—o—

15-3-1928

SONETO

À Flora.

Tenho saudades, ó Flora,
Anjo do meu coração,
Daqueles tempos de outrora,
De uma saudosa ilusão...

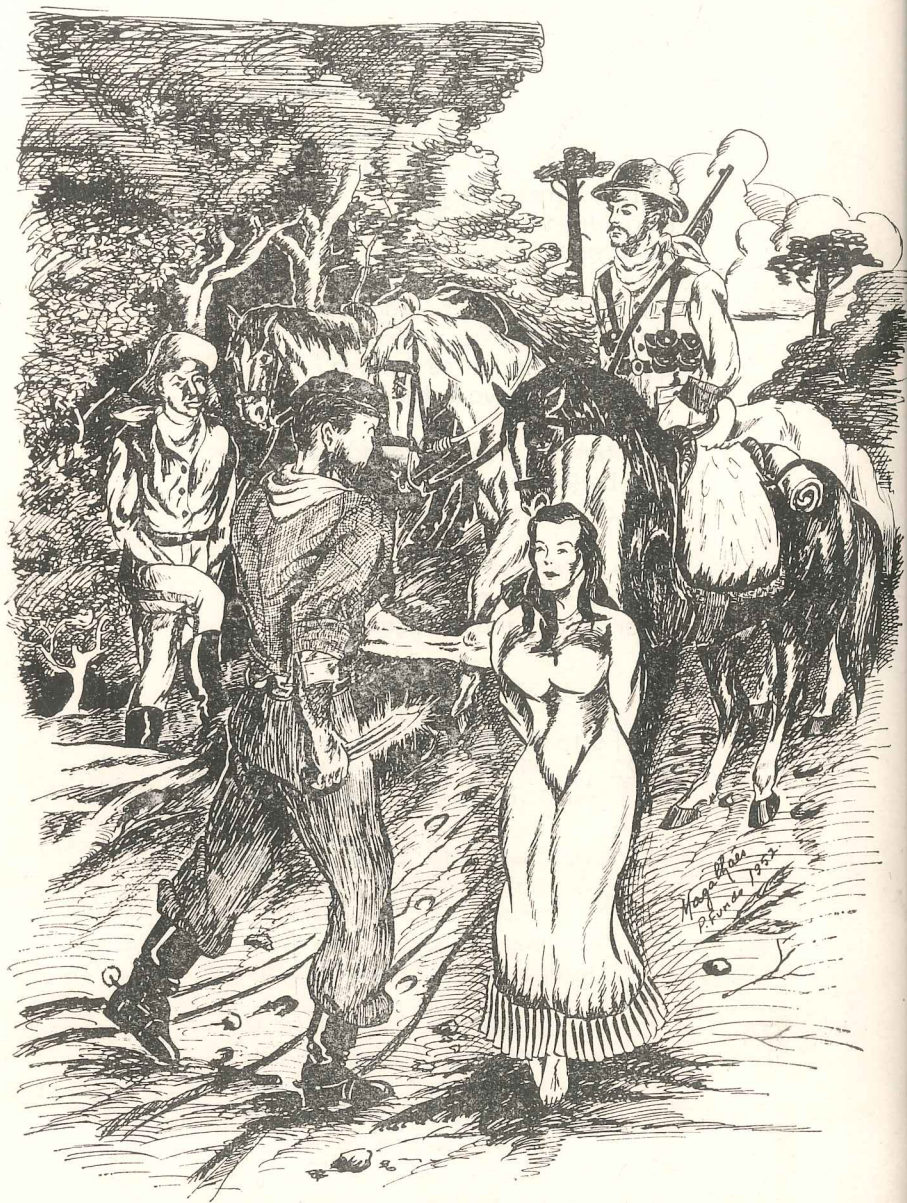
De um almo romper da aurora,
Na primavera ou verão,
Que a mocidade se inflora,
Gozando a nova estação.

Nos tempos que eu te adorava,
Dos beijos mil que te dava,
Um dia a conta eu perdi...

Porque, afinal, não contaste
As vêzes que me beijaste,
Quando em teus braços dormi?!...

—○—

Em Pôrto Alegre,
1922



ECOS DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

O Degolamento de Maria Pequena

(É mais digno e mais nobre homenagear a memória dos mortos que bajular os vivos).

Por motivos políticos, Maria Meireles Trindade, mais conhecida por Maria Pequena, a 28 de novembro de 1893 foi barbaramente assassinada, com três punhaladas e uma degola, por um piquete revolucionário federalista.

O túmulo de Maria Pequena, denominado "Cruzinha", com a abertura da Vila Cármen, em 6 de setembro de 1929, ficou mal localizado, quase no meio da Rua Cel. Chicuta, à margem do arroio Raquel, motivo por que foi o mesmo demolido, a 19 de junho de 1955.

Seus restos mortais, que foram colocados numa urna e depositados na Catedral N. S. Aparecida, em breve serão transladados para o interior de uma capela que será construída em memória dessa passo-fundense que morreu pelo amor conjugal e filial, bem como pela sua inabalável fé cristã.

Essa capela será erigida no mesmo local onde ela foi assassinada e sepultada.

Seu túmulo, que era uma tradição e uma relíquia da cidade, há sessenta e dois anos vinha sendo assistido, diariamente, por duas gerações de abnegados passo-fundenses. Numerosos crentes reverenciam a memória de Maria Pequena, acreditando nos seus milagres.

A homenagem póstuma que será prestada, pelo Município e pelo povo passo-fundense, à memória dessa lendária republicana legalista é das mais justas; principalmente agora, que vamos comemorar o 1.º Centenário da emancipação política do Município.

A TRAGÉDIA DA CRUZINHA

Uma tragédia que corta
Minh'alma, correu veloz:
Mariazinha foi morta
Por um guerreiro feroz.

Longos anos já passaram,
Esta cidade cresceu...
E nossos avós contaram
O crime que ali se deu.

A primavera sorria
Pelas florestas em flor,
E essa morte de Maria
Foi uma sanha de horror.

Naquela manhã dourada,
Grande golpe ela sofreu:
Três vezes apunhalada,
Nossa heroína morreu!

Lá dentro da mataria,
Com lindos raios de sol,
Era o sangue de Maria
Da mesma côr do arrebol.

Na sua tumba sombria,
Que uma tragédia nos diz,
Rezam crentes todo o dia
E soluçam juritis.

Quando vem a noite escura,
Ela quer que façam luz...
Há velas na sepultura
E há pirilampos na cruz.

Sofrendo penas de guerra,
Condenada qual um réu,
Deixou seu corpo na terra
E faz milagres do céu!...



28-11-1953

A MÁRTIR DA CRUZINHA

(Prece)

Maria Meireles Trindade,
Que foi morta em Passo Fundo,
Tem amor e tem piedade
Por quem sofre neste mundo.

Com tua morte violenta,
Na terra ergueu-se uma cruz;
Naquela manhã sangrenta
Fôste a eleita de Jesus!

Proteção, Mariazinha,
Eu te imploro ardentemente!
És a Mártir da Cruzinha
Que morreu injustamente!

Bendito no mundo seja
Quem ouvir tua voz do além!
Pede a Deus que nos proteja
E os anjos digam — Amém!

—o—

28-11-1953

A MORTE DE INÁCIO RIBEIRO DIEHL

Décimas dedicadas a Frederico Diehl e
Ana Ribeiro Diehl, pais do malogrado Inácio
Ribeiro Diehl.

A treze de fevereiro,
Nas festas do Carnaval,
Do ano quarenta e cinco,
Houve uma cena brutal.
Nessa noite, meus senhores,
Três ou quatro salteadores
Que saíram de um covil,
Sinistro plano traçaram:
Na flor dos anos mataram
Inácio Ribeiro Diehl.

Seu corpo dorme na campa
E o crime envolto num véu;
Mas um dia os sanguinários
Serão punidos no céu!
Quanto mais o tempo passa,
Mais sentimos a desgraça
De Inácio Ribeiro Diehl.
Lá na tumba êle descansa,
Mas vive em nossa lembrança,
Porque era bom e gentil!

Salve o filho de Ametista,
Que foi crente de Jesus!
Rezava as Ave-Marias,
Fazia o sinal-da-cruz!
Despediu-se cá da terra,
Dos lindos montes da Serra,
Das estradas que passou...
Da sua linda casinha,
Das namoradas que tinha,
Dos amigos que deixou!

No mundo cheio de enganos,
Não façam mal a ninguém,
Porque a sentença de Deus
Às vêzes tarda, mas vem!
Adeus, adeus, Ametista!
No campo santo se avista
A cruz de quem já morreu.
Foi franco, alegre e gentil,
De Inácio Ribeiro Diehl,
Que poucos anos viveu!

—o—

13-9-1956



SEREIA DA FERRARIA

À guisa de esclarecimento, devo dizer aos dignos leitores que no fim desta narrativa vão ler uma canção com o mesmo título: "Sereia da Ferraria".

A história que hoje rememoro e passo a descrever, é absolutamente verídica.

No mês de maio de 1925, há 32 anos passados, quando eu era camponês e vivia a maior parte do tempo no lombo do cavalo, ouvi comentários a respeito de uma formosa jovem, de voz maravilhosa, filha de um pequeno comerciante e ferreiro, residente num dos distritos do Município, à margem da estrada.

Num certo dia daquele mês outonal, quando eu campereava naquelas imediações, tomado de curiosidade tive o ensejo de conhecer a bela jovem, não só famosa pela sua beleza como pela sua encantadora voz.

A casa onde ela residia com seus pais ficava bem perto da ferraria. Nos seus arredores observei inúmeros pinheiros, onde os papagaios tagarelavam. Em frente da casa havia um pitoresco matinho de pitangueiras, onde desencilhei o meu tostado, para que êle pastasse um pouco. Momentos após ouvi a música e a linda canção, de um gramofone que tocava na sala.

Qual maripôsa atraída pela luz, fui instintivamente atraído pela música, aproximando-me da casa residencial do ferreiro, onde fui recebido pelos seus familiares, inclusive a já famosa "Sereia da Ferraria".

Pude constatar, mais uma vez, que era ela uma jovem muito atraente, de um sorriso jovial, inteligente, com apenas 19 anos, caldeamento de italiano com polonesa, pele clara, faces rosadas, cabelos loiros e soltos sôbre os ombros, uma perfeição. Era, em resumo, como diria um cidadão que conheço, daquelas de fazer ressuscitar defunto. . .

Como estivesse fazendo calor, após mais de hora de agradável palestra, retirei-me para uma sesta à beira do matinho.

Lá estendi os pelegos à sombra das verdes pitangueiras e deitei-me.

Dentro de alguns momentos a "Sereia" abriu o peito na sala, quebrando o silêncio e fazendo emudecer as cigarras e os sabiás que saltitavam nos galhos das árvores. As músicas e demais canções gravadas nos discos do fonógrafo ela as repetia com perfeição, com alma de uma verdadeira artista. Constituía um encanto ouvi-la.

Foi naquela belíssima tarde de maio que eu escrevi, a lápis, numa folha de papel pardo encontrado a esmo, com a carona fazendo as vêzes de mesa, a balada que denominei "Sereia da Ferraria".

Essa poesia, publicada há longos anos, percebi que não satisfazia o meu desejo de perfeição e resolvi, então, modificá-la, burilá-la, transformando-a numa canção.

A moça em referência um ano mais tarde casou com um simpático jovem vindo lá do Paraná e mudou-se, com tôda a sua família, para uma cidade do interior de São Paulo, onde, segundo presumo, deve ainda hoje estar vivendo, sempre cantando e feliz.

Os moços seus contemporâneos e seus vizinhos, que pretendiam conquistá-la, ficaram despeitados e "de cabeça inchada", quando souberam que um "nortista" pretendia casar com a "Sereia da Ferraria" e levá-la para São Paulo.

Confesso que eu também não deixei de ficar de cabeça meio virada...

Um sábado — lembro-me como se fôra ontem — preparei-me dos pés à cabeça, encilhei o meu garboso pingô e pretendia voltar à sua casa. Entretanto refleti um pouco e concluí que o namôro com a dita "Sereia" podia trazer complicações com a outra candidata que eu possuía em Pôrto Alegre, dando-me alguma dor-de-cabeça... Como não podia desposar a ambas, vi que uma delas iria ficar mal colocada, podendo advir daí até conseqüências desagradáveis... Travei uma luta íntima comigo mesmo e, depois de permanecer com o cavalo pela rédea por mais de uma hora, acabei não indo.

A outra, de Pôrto Alegre, teve mais fôrça e fazia parte do meu destino... Eu já estava, por assim dizer, na rodilha do laço e maneado com o pé-de-amigo...

Poderão os leitores avaliar a dor-de-cabeça que dá uma mulher bonita, principalmente naqueles que, quando se lhes apresenta um ensejo, perdem a oportunidade de conquistá-la...

A famosa "Sereia" de outrora, hoje respeitável senhora, provavelmente mãe de muitos filhos e avó de alguns netos, se vivá ainda, deve contar cinqüenta outonos ou primaveras... Eu já ando nos meus cinqüenta e oito invernos... Com absoluta certeza deve ela ainda estar em perfeita forma. E os jovens daqueles saudosos tempos, hoje de cabelos grisalhos, às vêzes ainda me falam na "Sereia da Ferraria" e ficam cabisbaixos e pensativos... E eu, decorridos trinta e dois anos, ainda tenho recordações e, como naqueles tempos, prossigo fazendo os meus versos sôbre as caronas da vida...

Uma mulher dá mesmo o que fazer! Santo Deus!

SEREIA DA FERRARIA

(Canção)

Ao meu amigo Leão Nunes de Castro

Sereia da Ferraria,
Tens um canto sedutor...
Na bigorna dos teus olhos
Vejo fagulhas de amor!

Em frente da tua casa
Há pitangueiras em flor;
Nas janelas também vejo
Teu sorriso tentador!

No jardim da Ferraria
Tu vens cantar de manhã,
E o ferreiro dá pancadas
Na bigorna: pan, pan, pan!

No carmim da tua boca,
No teu sorriso de agora,
Eu vejo a cor da pitanga
E o belo sorrir da aurora!

Foi neste sítio risonho
Que o Senhor me fez parar,
Em frente da Ferraria,
Para ouvir o teu cantar!

E essa famosa sereia
Das ondas verdes do mar,
Eu hei de ver prisioneira
Do teu canto singular!

Sereia da Ferraria,
Tens um canto sedutor...
Na bigorna dos teus olhos
Vejo fagulhas de amor!

—o—

Maio de 1925

CANÇÕES DO RIO GRANDE

Ainda em homenagem ao 1.º Centenário do Município, vou publicar uma revista denominada "Canções do Rio Grande". Nessa revista o leitor encontrará o texto e a música das seguintes canções:

Ingrata do Boqueirão — Nuvens e Rosas — Os Nossos Olhos — Nevadas — Ranchos do Boqueirão — Sereia da Ferraria — Amor Não é Brinquedo — Luar do Boqueirão — Abandonado — A Minha Amada — Ilusão — Penso em Ti — Saudades — Quero-Quero — Ranchos do Boqueirão — Palmeiras do Boqueirão — Parlamentarismo — Pinga do Rio Grande e outras.

As canções "Nevadas" e "Os Nossos Olhos" foram gravadas em discos pelo consagrado soprano Therezinha Monteiro. Foram também gravadas as canções "Ingrata do Boqueirão" e "Nuvens e Rosas", estas pelo aplaudido tenor Mário Oliveira, ambos artistas pertencentes ao elenco da Rádio Farroupilha de Porto Alegre.

Quem desejar obter a música da canção "Pinga do Rio Grande" poderá dirigir-se à firma editôra de músicas e discos, Ricordi Brasileira S. A., a Al. Barão de Limeira, 331, em São Paulo ou às suas filiais ou representantes nas principais cidades do Brasil.

Por força de um contrato de cessão de direitos autorais que firmei com essa Editôra, a música dessa canção não consta na minha revista "Canções do Rio Grande".

Tôdas as músicas das canções acima referidas foram elaboradas pelos renomados maestros Orestes Mário Farinello e João Portaro, de São Paulo.

A revista também estampa as fotografias das reprêas do Jacuí e do Capingüí, com os respectivos históricos e a fotogravura do monumento ao patriarca Joaquim Fagundes dos Reis e panoramas da cidade.

NEVADAS

(Canção)

O Rio Grande tem nevadas
De branquear como um lençol,
Tem a luz das alvoradas
E as lindas manhãs de sol!

Flocos de neve na serra,
Geada, enfim, pelos caminhos,
E quanta beleza encerra
Esse tapête de arminhos!

Quanta neve! A noite é fria!
Da terra o calor se vai. . .
Quando vem surgindo o dia
Tudo é branco! A neve cai!

O inverno, porém, é breve,
Mas frio como dantes era!
Vai-se a chuva, o gelo, a neve,
Vem o sol da primavera!

Nuvens brancas e ondulantes
Lá se vão, bailando, ao léu,
E as estrêlas cintilantes
Vejo além, no azul do céu!

O Rio Grande tem nevadas
De branquear como um lençol,
Tem a luz das alvoradas
E as lindas manhãs de sol!

—o—

Junho de 1942

RANCHOS DO BOQUEIRÃO

(Canção)

Quando a noite, enfim, surgia,
Do luar vinha um clarão;
Nos ranchinhos já se ouvia
Uma gaita e um violão!

Nos céus da vila de outrora
Os papagaios cruzavam;
Quando mal rompia a aurora,
Como êles tagarelavam!

Não vejo mais os pinheiros
Que alegravam meu olhar;
Já morreram os gaiteiros
Que à noite vinham cantar.

Minh'alma outrora escutava
Serenatas ao luar,
E a velha gaita chorava,
Tinha os lamentos do mar.

Naqueles tempos que eu vinha
Brigando no Boqueirão,
Também Delorges Caminha
Quebrava vidro e lampião...

Lembranças eu tenho agora;
Trago ainda a mesma visão
Daqueles ranchos de outrora,
Do meu velho Boqueirão!...



Primavera de 1955

OS NOSSOS OLHOS . . .

(Canção)

Outrora, quando eu te amava,
Com tamanha vibração,
Minh'alma, alegre, sonhava,
Naquela doce ilusão!

Quando meus olhos te viam
E tu me olhavas também,
Meus olhares te seguiam
Mais aqui ou mais além . . .

Se meus olhos te queriam,
Quando olhavam para os teus,
Os teus lábios respondiam
Num sorriso e num adeus!

Que prazer eu tive outrora,
Nos encantos que senti!
Que tristezas tenho agora,
Quando me lembro de ti!

Com a minh'alma sem guarida,
Meu penar não tem mais fim.
Nada eu sei da tua vida,
Tu nada sabes de mim . . .

Desgraçada da mulher,
Já descrente e sem abraços,
Que na vida não tiver
Alguém que lhe siga os passos!

AMOR NÃO É BRINQUEDO

(Canção)

Não ligaste meus olhares,
Quando te amava em segredo;
Por fim ficaste sabendo
Que o amor não é brinquedo.

Trocou-se o nosso destino,
Com o teu punhal de outrora
Que feriu meu coração;
Com êle eu me vingo agora.

Deves perder a esperança,
Saibas bem que o teu clamor
Não faz eco na minh'alma,
Jamais terás meu amor.

Trocou-se o nosso destino,
Minh'alma agora sorri,
Se o amor não é brinquedo,
Já não me lembro de ti.

Fica em paz com teus amôres,
Meu coração eu governo,
Onde se passa o verão
Também se passa o inverno...



10-4-1955

ABANDONADO

(Canção)

O tempo passa ligeiro,
Mas um dia hás de voltar!
Há na minh'alma a tristeza
Das ondas verdes do mar.

Abandonado e tristonho
Lamento o amor que perdi;
Quando te vejo de longe
Minh'alma sofre por ti!

Mas tenho ainda a esperança
Que feliz talvez serei
Nos braços do meu amor,
Da mulher que tanto amei!

O mundo não me interessa;
Tenho apenas o desejo
Do calor dos teus abraços,
Da loucura do teu beijo!

A dor que trago em meu peito
Só tu me podes curar!
Há na minh'alma a tristeza
Das ondas verdes do mar!

—o—

18-4-1955

A MINHA AMADA

(Canção)

Já não tenho paz na vida,
Foi-se embora o meu amor,
Essa mulher de minh'alma
Que eu amo com tanto ardor!

Por ela eu vivo clamando,
Não tenho mais o meu bem!
A mulher que já foi minha
Só me trata com desdém...

Quanto sofro neste mundo!
Minh'alma não se contém,
Quando sei que minha amada
Dorme nos braços de alguém!

Mas tenho ainda em memória
Que ela possa refletir:
"O amor novo vai-se embora
E o velho vem a servir"...

Essa mulher de minh'alma,
Se voltar será perdoada...
Terá sempre o meu carinho!
Vem comigo, ó minha amada!

—o—

23-4-1955

ILUSÃO

(Canção)

Faço empenho de esquecer
Aquela mulher ingrata,
Por quem eu sofro no mundo
E minh'alma ela maltrata.

Nossa vida foi um sonho
Que tantos anos durou!
Mas essa mulher perjura,
Por outro me abandonou.

O vinho que bebo agora,
Que me inspira esta canção,
Há de acabar com a mágoa
Do meu pobre coração!

Esse vinho é mais sincero,
Pois acalma o meu tormento,
Podendo assim esquecê-la,
Embora por um momento.

Essa mulher de minh'alma,
Que um dia me abandonou,
Foi minha ilusão na vida,
Mais um sonho que passou!

—o—

5-4-1955

PENSO EM TI

(Canção)

Meu amor, minha querida,
Dia e noite eu penso em ti;
Mas espero ter de novo
Teus carinhos que perdi!

Eu espero, ó minha amada,
Que saberás me perdoar,
Fui ingrato e não te amei
Como devia te amar!

Pelas faltas cometidas,
Eu te imploro o meu perdão,
Para acabar com as mágoas
Do meu triste coração!

Eu prometo e juro até
De não mais faltar contigo!
Pela minha indiferença
Já me deste um bom castigo!

Se eu tivesse o dom divino,
Num altar de colocava!
Tu serias minha deusa,
Como um crente te adorava!

—○—

15-4-1955

SAUDADES

(Canção)

Não posso viver assim,
Como um pássaro sem ninho!
Um dia, mulher ingrata,
Tu me deixaste sòzinho!

Hoje magoado e tristonho,
Meu coração não sorri;
Minha dor não tem mais fim,
Pois vivo pensando em ti!

Tua imagem me persegue,
Não me sai do pensamento;
Tu já foste a minha vida,
És agora o meu tormento!

Tenho minh'alma vencida,
Sabe Deus do meu sofrer!
Sem amor e sem carinho
Eu não quero mais viver!

Sem a luz do teu olhar,
Não podendo mais te ver,
Não ouvindo a tua voz,
Eu prefiro então morrer!

—o—

5-4-1955

LUAR DO BOQUEIRÃO

(Canção)

Salve, salve o centenário
Do meu velho Boqueirão;
Do Passo Fundo lendário,
Que tem glória e tradição!

O outrora a gente escutava,
Com mágoas no coração,
O realejo que tocava
Na Avenida ou Boqueirão.

Quando a lua vem surgindo,
Lá do céu vem um clarão;
Mas não há luar mais lindo
Que o luar do Boqueirão!

—o—

14-8-1956

QUERO-QUERO

(Canção)

Tanto eu digo que te quero
E a minh'alma se consome,
Que já tenho mais um nome,
Pois me chamam quero-quero!

Sabes bem que ainda espero
Teus carinhos com fervor...
Se me deres teu amor,
Eu também serei sincero!

Quero-quero, quero-quero,
Na minh'alma o teu amor!
Sabes bem que ainda espero
Teus carinhos com fervor!

—○—

PINGA DO RIO GRANDE

(Canção)

Como é belo o meu destino
Pela costa do Uruguai!
Tenho pinga em Marcelino,
Tenho pinga em Nonoai!

Como gosto de caninha,
Meia pipa tomei eu;
O restante da branquinha
Quem seria que bebeu?

Pela bôca da garrafa
Foi que a pinga se perdeu!
Ninguém anda na moafa,
Por aqui ninguém bebeu. . .

A branquinha se evapora
Da garrafa quando sai;
Ela própria se devora,
Na garganta nunca vai. . .

Como é belo o meu destino
Pela costa do Uruguai!
Tenho pinga em Marcelino,
Tenho pinga em Nonoai!

—o—

Janeiro de 1939

PALMEIRAS DO BOQUEIRÃO

(Canção)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.

Gonçalves Dias

Boqueirão já tem palmeiras,
Mas sabiás não vão cantar,
Por causa daquela ingrata
Que não quer-me namorar...

Quero tanto essas palmeiras
Do meu velho Boqueirão,
E amo tanto aquelas casas,
Que de lá não saio, não!

Boqueirão já tem palmeiras,
Mas sabiás não cantam lá,
Por causa daquela ingrata
Que tantas mágoas me dá...

URSADA...

A canção que o leitor acabou de ler na página anterior achasse em São Paulo, a fim de ser musicada. Através de correspondência que venho trocando com o maestro, estou ciente de que irá dar uma linda "Toada-baião" para cantar e dançar. Essa música será publicada na minha revista "Canções do Rio Grande", a ser entregue ao público por ocasião das comemorações centenárias do município de Passo Fundo, em 1957.

Fácil será para o leitor deduzir de que essa "Ingrata do Boqueirão" não passa de uma fantasia. Entretanto, por um dêesses caprichos do destino, está ela agora se transformando em realidade, se personificando... Corre o risco, até, de passar de uma simples ficção, para a realidade...

Quem será ela? Poderá alguém explicar?

Se tal acontecer, os culpados serão os meus particulares amigos, professor e jornalista Sabino Santos e beletrista Saul Sperry Cezar que me fizeram uma autêntica ursada...

Êstes dois "malandros" levaram a minha canção para casa, extraíram dela diversas cópias a máquina e mandaram espalhá-las por todo o Boqueirão, originando daí a resposta que recebi.

Delicadamente, numa carta de poucas linhas e muito bem redigida, uma que se diz "sincera" respondeu à minha canção, igualmente em versos.

Como se trata, porém, de uma resposta maldosa, merece ela a minha imediata contestação. Assim, na página seguinte, o leitor vai apreciar a sestilha que recebi, muito bem feita mas ferina, e a minha resposta.

"Resposta ao Poeta:

Boqueirão já tem palmeiras
E moças para casar...
Da mulher e das netinhas,
Gomercindo, vá cuidar...
Que venha homem solteiro
E os sabiás hão de cantar...

Sincera do Boqueirão"

Não me conformando com a resposta dessa "Sincera do Boqueirão", no outro dia, pelas colunas d' "O Nacional" fiz a minha defesa, também em versos.

Titio e não Vovô!...

Não aceito a insinuação
Que eu vá cuidar das netinhas!
Malvada do Boqueirão,
Não são netas, são sobrinhas...

Quem não sabe que se trata
De um titio e não de avô?
Por maldosa e muito ingrata,
Tu me chamas de vovô...

Da mulher afirmo e juro,
Que minh'alma não se afasta;
Porém, cavalo seguro,
Já maneado, também pasta!...

—o—

8-10-1956

GENERICE A. VIEIRA

ROSANARA, é o pseudônimo da ilustre literata, Srta. Generice A. Vieira, que, por um excesso de modestia, não assina os belos artigos que vem publicando na imprensa desta terra. Que me desculpe a inteligente professora, a quem dedico êstes versos, se lhe desagradar, revelando o seu pseudônimo.

Possui a graça da chita
Que a todos agrada tanto:
Nunca é feia nem bonita...
Mas, falando francamente,
Ela tem um certo encanto
Que atrai os olhos da gente...

Quando a vejo enamorada,
Volta-se com a fronte nua
Para a noite enlutarada;
Se ela aparece na rua,
Vem com os pés na calçada
E o pensamento na lua...

Essa loirinha insinuante,
Que fala serena e calma,
Mostra um talento brilhante,
Pois vive espargindo luz,
Com tanta beleza d'alma
Que nos encanta e seduz!...

TEUS ENCANTOS

Teu farto cabelo louro
Como é lindo e tão perfeito!
Sómente com fios de ouro
Parece que fôra feito.

Há em teus lábios sanguíneos
Nuances de ocasos raros;
Teus belos dentes, alvíneos,
Parecem mármore de Paros.

Quando sinto o teu sorriso
A minh'alma se afervora!
Pois nela eu sempre diviso
O alegre sorrir da aurora!

Teus atrativos são tantos,
Tua graça é bem singular;
Porém, tens outros encantos
Que a lira não vai cantar. . .

O CÉU DE PASSO FUNDO

Há alguns anos passados, tendo por objetivo conhecer uma pequena parte do território brasileiro, resolvi percorrer os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e Distrito Federal.

Excursionei pelas principais cidades dêsses estados, onde tive o ensejo de constatar o quanto êste país é grandioso e belo.

Nessa minha peregrinação minhas observações não se limitaram sòmente ao que eu via sôbre a face da terra. Pelos lugares onde eu passava o meu pensamento e os meus olhos por inúmeras vêzes divagavam pelo firmamento, durante o dia e à noite, observando as nuvens, o luar e as estrêlas, quando cheguei à conclusão de que não existe no Brasil, quiçá nem mesmo em todo o universo, um céu tão maravilhoso como o de Passo Fundo.

O Céu de Mato Grosso, para só citar um exemplo, não tem nenhuma semelhança com êste do Rio Grande do Sul e, de modo especial, da região planaltina dêste Estado. Naquele progressista Estado, apesar das suas grandezas e maravilhas, o céu é azul-escuro, quase sempre carregado e parece estar mais próximo da terra.

Os céus de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Distrito Federal também raras vêzes são vistos com nuvens no firmamento.

Êsses céus também são lindos, têm as suas características especiais, pertencem a um pedaço da pátria e são os encantos dos nossos olhos; entretanto, sem que pretenda menosprezar as suas belezas, não são êles tão maravilhosos como os céus do Rio Grande e, de modo especial, do planalto rio-grandense. No céu de Passo Fundo há algo de extraordinário.

Tenho observado que nos últimos dez anos, seja motivado por alguma transformação atmosférica ou por outra qualquer circunstância, as nuvens têm aparecido com maior abundância. Uns dão como origem dêsse fenômeno as reprêsas do Jacuí e do Capingüí. Outros afirmam que são emanações da Terra.

Como eu, enfim, não me especializei em astronomia, limito-me apenas a dizer que, com essas nuvens maravilhosos, esparsas e abundantes, o céu de Passo Fundo tem mais poesia, mais beleza e mais encantamento. As estrêlas aqui são mais cintilantes. O luar de Passo Fundo traz recordações e faz a gente cismar. E is-

to principalmente quando, às horas mortas da noite, os raios do luar penetram nos jardins, nos pátios, nas portas e janelas dos velhos solares do Boqueirão.

Camile Flamarion, melhor do que ninguém, seria a pessoa indicada para descrever a beleza das nuvens, o cintilar das estrelas, o luar maravilhoso, o conjunto de encantos, enfim, do céu passo-fundense. Este céu maravilhoso às vezes também se apresenta completamente límpido e sem nenhuma nuvem. Parece, então, um docel azul de noivado estendido sobre a cidade que, por sua vez, representa um lindo berço nupcial.

Qualquer excursionista que, como eu, percorrer alguns estados do Brasil e fizer as observações que eu fiz, poderá constatar que as minhas afirmativas não se prendem a qualquer sentimento ou convicção bairrista. Assim como existe diferença panorâmica, climatérica e de iberdade do solo, de uma região para outra, o céu da região planaltina rio-grandense também se apresenta diferente.

Os céus de São Francisco de Paula, Aparados-da-Serra, Caxias do Sul, Erechim, Cruz Alta e regiões circunvizinhas, seja pelas elevadas localizações dessas cidades ou por um fenômeno meteorológico qualquer, são mais ou menos semelhantes em nuvens e beleza.

Contudo, o céu de Passo Fundo, bem diferente dos demais, é o mais lindo do Rio Grande do Sul, do Brasil e possivelmente do mundo. Este céu maravilhoso, quando se apresenta sem nuvens, é límpido, de um azul de anil sem igual! No seu vácuo, quase que diariamente e à noite, são vistas nuvens maravilhosas, cada qual mais linda! Algumas delas parecem montanhas, serranias idênticas às ondulações do Himalaia, dos Andes e por vezes representam montes elevados como o Pão-de-Açúcar, o Corcovado, o Dedo-de-Deus; outras são semelhantes a oásis, ilhas encantadas, descrevendo as mais belas e românticas paisagens. As nuvens do céu passo-fundense pairam no espaço e movimentam-se lentamente.

Não há tempestades no céu ou na terra planaltina; há nuvens brancas da paz...

.....

Habitante de Passo Fundo! Levanta a cabeça para o céu e

contempla essas nuvens maravilhosas que se deparam aos teus olhos! Observa como elas são brancas e, quando o sol declina no horizonte, surgem ocasos de nuances raros, aparecendo algumas côr-de-rosa. Observa, através de um simulacro, as nuvens, o reflexo das estrêlas e do luar beijando as águas das reprêsas do Jacuí e do Capingüí, que dão fôrça propulsora a êste berço nupcial — a cidade de Passo Fundo.

Ergue o teu pensamento ao céu e pede ao Senhor, na efeméride do Primeiro Centenário de Passo Fundo, que abençoe os seus habitantes e faça cair dezenas de nuvens e milhares de rosas sobre esta lendária e histórica Capital do Planalto!

Nuvens brancas da paz! Céu de Passo Fundo! O painel divino, desenhado pelas mãos mágicas do Criador de todos os mundos!

—o—

P. Fundo,

15-11-56.

VELHO BOQUEIRÃO

(soneto acróstico)

... Ama com fé e orgulho a terra em
que nasceste — Olavo Bilac.

Vendo que a minh'alma se afervora
Eu brado ao Senhor lá do infinito:
Luz e vida que nos deste outrora,
Hoje é glória ao Boqueirão bendito!

O povoado que surgiu na história,
Berço que nasceu da luz da aurora,
O povo já o grava na memória,
Quer amá-lo na existência afora!

Um século de progresso e de glória,
E ainda vê-se aquêlo povo, agora,
Irmanado e sempre extraordinário!

Relembro os heróis dessa vitória,
A gente, enfim, que ainda revigora
O meu velho Boqueirão lendário!

* * *

Última poesia feita
na Capital, horas
antes da obra entrar no
prelo, em 20-9-57.

DIALOGO NO LAR

— Aida, há pouco resolvi fazer-te uma proposta.

— Proposta? Para um desquite amigável? Aceito...

— Absolutamente! Nem por brincadeira... Presta bem atenção no que te vou dizer. Não devemos mais continuar morando em Passo Fundo.

— Qual o motivo, Gomercindo?

— A sujeira da cidade... Nos dias de chuva as rodas dos veículos trazem tanto barro para a zona central que as ruas ficam lamacentas e insuportáveis... Quando o tempo firma e reaparece o sol, o barro seca, é esmagado pelas rodas dos próprios veículos e levanta uma poeira infernal. Não suporto mais Passo Fundo. Vamos embora!

— Sim, concordo contigo; mas acontece que uma mudança não se faz da noite para o dia... De fato, tenho ouvido muitos comentários e inúmeras reclamações em torno da sujeira da cidade. Penso, entretanto, que êsse mal poderá ser sanado, não te parece?

— Claro que sim. A Prefeitura poderia muito bem resolver o problema instalando um pôsto permanente de fiscalização e lavagem de veículos nas quatro entradas principais da cidade... Nos dias de chuva as rodas dos veículos seriam lavadas rapidamente, por meio de fortes esguichos. O barro ficaria lá fora e a cidade não teria lama e nem poeira. Cada veículo, para ser lavado, pagaria uma pequena importância que reverteria a favor dos próprios encarregados do serviço. O pôsto poderia ainda ser fiscalizado pela própria polícia, a quem competiria, se o desejasse, registrar o número da placa de cada viatura que entrasse na cidade, bem como a sua respectiva procedência. As casas, os móveis, as cortinas, tudo permaneceria limpo e com um duradouro aspecto de novo, além serem evitadas as propagações de muitas doenças que em geral são trazidas pela poeira...

— Muito bem, Gomercindo! Tiveste uma ótima idéia. Se o prefeito Wolmar Salton desse mesmo um "saltão" e solucionasse o problema desse modo, tu concordarias em continuar morando em Passo Fundo?

— Acho que não, Aida. Já virei a cabeça e quero ir embora... Não acredito mais na limpeza desta cidade... Como é que vou usar uma fatiote de casemira fina, um traje de linho irlandês, numa cidade suja como esta? Não é possível. Olha para mim, para a minha "pinta"... A nossa mudança está dependen-



do unicamente de ti. Se disseses que sim, iremos; se disseses que não, morrerei de velho em Passo Fundo... No Boqueirão...

— Humm! Como ficaste obediente e amável!... Começo a desconfiar das tuas amabilidades. Não quero ser pomo de discórdia, compreendes? Se tu quiseses, concordo em morar em Pôrto Alegre...

— Não! De maneira nenhuma irei morar em Pôrto Alegre. A cidade é linda e me agradaria, porém é muito quente no verão.

— Ora, Gomercindo! Vamos, então, para o Rio de Janeiro...

— Também não me serve. A cidade de fato é maravilhosa em suas belezas naturais. Seria um encanto, sim, residir em Copacabana... Mas acontece que lá já mora um grande número de passo-fundenses, aqui diplomados... Não há mais lugar para nós...

- Afinal, onde vamos morar, então?
- Na Europa, Aida!
- Mas em que país? Na Itália? Na Alemanha? Na Suíça?...
- Fixaremos residência em Paris, está bem?
- Epa! Começo a ficar assustada... O caso está-se agravando... Onde andaste esta manhã, Gomercindo? Olha que são treze horas e tu não apareceste nem para almoçar...
- Ora... Estive no Bar Oriente, tomando umas misturinhas...
- Ah! Agora estou percebendo tudo... Em companhia de quem?
- Estavam comigo o deputado Daniel Dipp e o Djalma Cúrio de Carvalho.
- Basta! Basta! Já percebo que não mais preciso telefonar para Pôrto Alegre...
- Mas... ias mesmo telefonar? Para quem, afinal?
- Claro! Pretendia chamar, com urgência, um psiquiatra...
- Mas graças a Deus parece que não há nada de grave... Vem tomar um cafêzinho prêto bem forte, sem açúcar, e vai-te deitar! A visão do ópio passará e amanhã nós resolveremos a nossa mudança para a Europa, para a Ásia ou para a África... Iremos morar em França, na Itália, na Alemanha, na China, no Japão, ou, se preferires, lá no Boqueirão...

—O—

Passo Fundo, 3 de setembro de 1957.

RETALHOS

Boqueirão já tem palmeiras,
Tem Jesus a nos guiar,
Tem estrelas cintilantes,
Tem noites de almo luar.

Juro enfim que hei de casar,
Neste ano do centenário,
Com solteirona ou com viúva
Dêsse Boqueirão lendário.

Donzelas e balzaqueanas
Nestes meus versos eu canto!
Quem casar no Boqueirão
Há de ter mulher e tanto!

Boqueirão já tem palmeiras,
Tem loiras e tem morenas,
Lindas mulheres que matam
As minhas mágoas e penas...

Homem velho e com netinhas
Não forma no Boqueirão,
Mas a entrada será franca
Para um viúvo ou solteirão...

No Brasil há o desquitado,
Judiado pela mulher;
Casório aos olhos de Deus
Vem do céu "vem de colher"...

Também lembro o separado
Que vive a sofrer no mundo...
Quer casar no Boqueirão,
Velho pai de Passo Fundo!

O Horácio Cezar casando
Tanta alegria haverá,
Que há de cantar nas palmeiras
Em cada galho um sabiá...

As donzelas e as viúvinhas
Andam sonhando ao luar...
Que venha homem solteiro
E os sabiás hão de cantar...

Boqueirão já tem palmeiras
E moças para casar;
Se não der em casamentos,
Em grande surra há de dar...

RAINHA DO CENTENÁRIO

A DECISÃO DO JÚRI FOI PROCLAMADA ONTEM PELO PREFEITO

WOLMAR SALTON, PRESIDENTE DO COMISSARIADO

MANIFESTAÇÕES À SOBERANA

DECLARAÇÕES DE MÁRCIA À REPORTAGEM DE "O NACIONAL"

Conforme informamos, o resultado da deliberação do Júri para a escolha da Rainha do Centenário, seria dado ontem, pelo mesmo Júri, entre o meio dia e as 20 horas, levando a decisão ao Comissariado dos Festejos do Centenário.

Efetivamente, ontem, à 20 horas em ponto, o Dr. Mário Lopes, presidente do Júri, dirigiu-se ao Prefeito Wolmar Salton, presidente do Comissariado, entregando-lhe o resultado da deliberação, isto é, o "vereditum".

O Prefeito Wolmar Salton, imediatamente, proclamou esse resultado pela Rádio Municipal, informando que a escolha para o título de Rainha do Centenário fôra Márcia Kozma.

O Júri trabalhou com discreção e espírito de responsabilidade, colocando-se à altura do momento, quando se sabe do enorme interesse público despertado pelo grandioso concurso.

Podemos dizer que delicada e difícil foi uma deliberação, quando é certo que tôdas as candidatas passuiam dotes para ostentar o título máximo, qualquer uma delas honrando Passo Fundo. Tudo isso foi detidamente pesado pelo Júri e o resultado que apresentou foi obra de madura elaboração de consciência.

VISITA À MÁRCIA KOZMA

Tão logo foi conhecido o resultado do Júri, os cabos eleitorais de Márcia Kozma, os amigos da família, foram levar à Rainha do Centenário, os seus cumprimentos e felicitações. O Prefeito Wolmar Salton, com os membros do Comissariado e ainda com membros do Júri, levaram pessoalmente à Márcia e sua exma família, a notícia oficial do resultado.

Não podemos anotar tôdas as pessoas que estiveram na residência da família de Márcia, onde todos foram recebidos fidal-

gamente pelo Dr. Miguel Kozma e d. Eulina Fontoura da Silva Kozma, organizando-se por iniciativa dos visitantes uma festa improvisada.

Nota marcante foi a presença de Marlene Paim, uma das candidatas, que compareceu em companhia de seu progenitor, Sr. Ivo Paim, emprestando à festa um notável relêvo, o que sobremodo salientou a educação e alto espírito democrático do nosso povo.

DECLARAÇÕES DE MÁRCIA À REPORTAGEM

A reportagem esteve com Márcia Kozma, tão logo soube de sua escolha para Rainha do Centenário. Fomos fidalgamente recebidos pela família e foi com prazer que notamos em Márcia aquela graça humilde que a tornava mais encantadora.

Bem à vontade, Márcia foi respondendo as perguntas. Aliás, uma só pergunta foi se desdobrando, naturalmente, pela espontaneidade e eloquência da Rainha.

Perguntamos:

— Como é que recebeu a notícia da sua escolha?

Márcia Kozma respondeu com naturalidade:

— "Fiquei surpresa, visto estar concorrendo com outras jovens companheiras, tôdas possuidoras de dotes necessários para representar nossa terra. Também fiquei satisfeita e emocionada, pois, para mim, é uma grande honra ostentar êste título, pela bondade e generosidade da gente de minha terra".

Márcia expressava-se com simplicidade. É moça preparada, com ares distintos, graciosa, com a palavra fácil e encantadora. Logo acrescentou para a reportagem:

— "Não quero deixar passar a oportunidade de dizer que estou encantada com as novas amigas que conquistei, representadas nas pessoas de Marlene, Lourdes, Dulce e Zulmira, tôdas elas tão amáveis e tão queridas".

Depois dessa expansão do seu coração límpido e fraternal, disse com entusiasmo:

— "Tenho a certeza de que, graças aos dotes naturais e à colaboração das minhas distintas companheiras de jornada, tudo faremos para melhor representar o nome de nossa terra, nos festejos do Primeiro Centenário".

Márcia, com a mesma desenvoltura, encerrou assim as suas interessantes declarações:

— "Encerrando estas declarações, quero estender os meus agradecimentos aos meus conterrâneos, de um modo geral; ao Comissariado, aos membros do Júri, cuja escolha só posso atribuir à

sua bondade; aos meus cabos eleitorais, à imprensa falada e escrita, que tanto auxiliou a tôdas as candidatas, nessa campanha. Enfim, a todos os que, de um modo ou de outro, cooperaram para a honra e distinção que acabo de receber”.

PROCLAMAÇÃO DO COMISSARIADO

Passo Fundo, 29 de setembro de 1957.

Ilmo. Sr. Wolmar Salton.

D. D. Presidente do Comissariado dos Festejos do 1.º Centenário. — Nesta.

Prezado senhor.

A Comissão Julgadora para esdolha da RAINHA DO 1.º CENTENÁRIO DE PASSO FUNDO, dando cumprimento à determinações regulamentares tem a honra de comunicar a V. S. o seguinte:

1 — Em data de 27 do corrente realizou-se a reunião festiva de apresentação das candidatas, no Clube Caixeiral.

Nessa oportunidade a Comissão apreciou o desfile, tendo, também, entrado individualmente em contato com cada uma das candidatas;

2 — Em data de hoje reuniram-se os membros do Júri, ocasião em que se procedeu, com escrutínio secreto, a escolha da RAINHA que recaiu na pessoa da Srta. Márcia Kozma.

Dando por fim sua missão, sòmente resta apresentar sua mais efusiva saudação à RAINHA escolhida e demais PRINCESAS e formular a V. S. e demais membros do Comissariado os protestos de nossa estima e consideração.

Cordiais saudações.

As.) **Dr. Mário Lopes**

Oonie Warenka Pacheco

José Leônidas de Menezes

Laura Borges Felizardo

Jurema Dourado Dinardo

Mário Sperry Cesar



MÁRCIA FONTOURA KOZMA

(ACRÓSTICO)

À encantadora passo-fundense, Srta.
Márcia Fontoura Kozma, Rainha do Cente-
nário, com respeito e admiração dedico
esta poesia.

Márcia, sim, para Rainha,
A esbelta e linda donzela!
Rainha do Centenário!
Como é sorridente e bela
Imerso ficando às vêzes
Admiro os encantos d'Ela!

Faço empenho de saudá-la,
Ouvindo a voz da vitória!
No seu trono a soberana
Terá honra e tanta glória!
O povo, afinal, se irmana,
Um anjo traz na memória,
Registra o fato e delira,
A Passo Fundo se ufana!

Kozma é linda de encantar,
O seu riso é extraordinário!
Zeloso o meu estro, agora,
Me empolga e me faz saudar
A Rainha do Centenário!

Gomercindo dos Reis
1.º de Outubro de 1957

NOTA DO AUTOR

Embora reconheça que o presente livro não tenha alcançado a perfeição, porém desejoso que êle saísse tanto quanto possível, se não perfeito, pelo menos correto, e isto especialmente no que se relaciona com a grafia oficial, solicitei e obtive a valiosa colaboração do meu particular amigo Arthur Süssenbach, que, conhecedor da matéria, procedeu à revisão dos originais antes de serem êles entregues ao prelo.

Se, entretanto, ainda que contra a minha vontade, bem como dêsse conhecido intelectual, alguns erros gráficos nêle forem encontrados — o que é explicável, em virtude de possíveis lapsos na revisão das provas — quero que os estimados leitores os levem na conta de motivos alheios à nossa vontade comum.

Quanto às ilustrações da presente obra, desejo frisar que foram elaboradas pelo já consagrado artista alegretense, radicado nesta cidade e meu bom amigo Serafim Rodrigues de Magalhães que, sempre solícito, mais uma vez deu cabais provas dos seus aprofundados conhecimentos pictóricos, emprestando-me a sua igualmente valiosa colaboração, ilustrando com sugestivas charges êste modesto livro.

A ambos, pois, o meu mais sincero e profundo agradecimento.

ÍNDICE

	Págs.
BUSTO DO PATRIARCA	3
NUVENS E ROSAS	5
PRIMEIRAS CASAS	12
IGREJA SÃO TEODORO	13
A MINHA NAMORADA	14
INGRATA DO BOQUEIRÃO	16
NUVENS E ROSAS	19
A PRISÃO PARA OS POETAS	20
PARA UM POETA	20
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	23
A CASA DELA	25
O SABER	27
INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO	29
LUCILA SCHLEDER	31
A CRIANÇA MORTA	32
ALMAS ENAMORADAS	35
ESPERANÇA	36
PASSO FUNDO DE AMANHÃ	37
SONETOS BRASILEIROS	39
AUREA GOMES	41
DE PRATOS QUEBRADOS	43
PASSO FUNDO DE OUTRORA	45
LOUCO DE AMOR	47
AVENIDA GENERAL NETO	49
AMOR COM VIÚVA	51
THEREZINHA FERREIRA	53
SINOS DA CATEDRAL	55
DIÁRIO DA MANHÃ	56
FEITIÇARIA	57
CLARO SEVERO E O BOQUEIRÃO	59
LAMPIÕES DO BOQUEIRÃO	61
BOQUEIRÃO	62
MARIA AUGUSTA CORRÊA	65
MEU VELHO BOQUEIRÃO	67

25.00

PASSO FUNDO

116

GOMERCINDO DOS REIS

POESIA

1957

0000

MARIA SARAH PALMA	68
SONETO	69
ÉCOS DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA	71
A TRAGÉDIA DA CRUZINHA	72
A MÁRTIR DA CRUZINHA	73
A MORTE DE INÁCIO R. DIEHL	74
SEREIA DA FERRARIA (Prosa)	77
SEREIA DA FERRARIA (Versos)	79
CANÇÕES DO RIO GRANDE	80
NEVADAS	82
RANCHOS DO BOQUEIRÃO	83
OS NOSSOS OLHOS	84
AMOR NÃO É BRINQUEDO	85
ABANDONADO	86
A MINHA AMADA	87
ILUSÃO	88
PENSO EM TI	89
SAUDADES	90
LUAR DO BOQUEIRÃO	91
QUERO-QUERO	92
PINGA DO RIO GRANDE	93
PALMEIRAS DO BOQUEIRÃO	94
URSADA	95
RESPOSTA AO POETA	96
GENERICE A. VIEIRA	97
TEUS ENCANTOS	98
O CEU DE PASSO FUNDO	99
VELHO BOQUEIRÃO	102
DIALOGO NO LAR	103
RETALHOS	106
RAINHA DO CENTENÁRIO	108
MÁRCIA FONTOURA KOZMA	113
NOTA DO AUTOR	115

